



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA

ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO – ESAT

CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO

**O IMAGINÁRIO COMO FATOR INFLUENCIADOR DO TURISMO NA CIDADE DE
MANAUS**

MANAUS – AM

2021

JORGE COSTA

**O IMAGINÁRIO COMO FATOR INFLUENCIADOR DO TURISMO NA CIDADE DE
MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de conceito final, sob orientação da professora Jany Alfaia de Oliveira, do Curso de Bacharelado em Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo – ESAT/UEA.

**MANAUS – AM
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA

JORGE COSTA

**O IMAGINÁRIO COMO FATOR INFLUENCIADOR DO TURISMO NA CIDADE DE
MANAUS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo pela Universidade do Estado do Amazonas.

BANCA EXAMINADORA

M^a. Jany Alfaia de Oliveira
(Orientadora)

Dra. Suzy Rodrigues Simonetti

M^a. Claudia Araújo de Menezes Gonçalves Martins

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha família, amigos e pessoas que estiveram presente colaborando para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus familiares que me ajudaram até aqui.

EPÍGRAFE

*“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas. Pessoas
transformam o mundo”.*

(Paulo Freire)

RESUMO

O imaginário pode ser considerado como uma área do conhecimento que passou por vários desafios para poder chegar ao ponto de ter sua autonomia. Existem várias interpretações voltadas para as funções e interpretações voltadas para o imaginário. Com isso, essas interpretações e funções desenvolvidas estão diretamente ligadas às escolas e suas correspondentes perspectivas sobre o imaginário. As feras locais tais como onças pintadas, indígenas, histórias da época colonial sobre os Barões da Borracha influenciam a forma com os turistas nacionais e internacionais vêm a cidade. Alguns podem buscar conhecer, movidos pela adrenalina de desmistificar o desconhecido, outros passam a ter receios da cultura local pelo puro desconhecimento. Com base nisso, foi desenvolvido como objetivo geral para essa pesquisa, compreender como o imaginário pode influenciar no turismo da Cidade de Manaus. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada nas principais plataformas tais como Scielo e Google Acadêmico, apresentando-se os principais mitos e imaginários que envolvem a experiência dos turistas na cidade de Manaus.

Palavra-chave: Imaginário. Turismo. Manaus.

ABSTRACT

The imaginary can be considered as an area of knowledge that has gone through various challenges in order to reach the point of its autonomy. There are various interpretations geared towards functions and interpretations geared towards the imaginary. Thus, these developed interpretations and functions are directly linked to the schools and their corresponding perspectives on the imaginary. Local beasts such as jaguars, indigenous people, stories from colonial times about the Rubber Barons influence the way national and international tourists see the city. Some may seek to get to know it, driven by the adrenaline of demystifying the unknown; others may fear the local culture due to pure ignorance. Based on this, the general objective of this research was to understand how the imaginary can influence tourism in the city of Manaus. This is a bibliographic research carried out in the main platforms such as Scielo and Google Scholar, presenting the main myths and imaginaries that involve the experience of tourists in the city of Manaus.

Key-words: Imaginary. Tourism. Manaus.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Análise da Progressão de Valor Econômico da Experiência.....	20
Figura 2 - Onça pintada como animal que representa a fauna selvagem da Amazônia.....	27
Figura 3 - Mitos amazônicos.....	42
Figura 4 – Mito da Cobra Grande.....	43
Figura 5 – Manaus antiga e Manaus atual.....	45
Figura 6 – Vista aérea da cidade de Manaus atual.....	47
Figura 7 – Feira Passo a Paço no Centro Histórico de Manaus	49
Figura 8 – Bosque da Ciência	50
Figura 9 – Visão aérea do Teatro Amazonas	53
Figura 10 – Festival de Ópera	54
Figura 11 – Recursos de imagem como estratégia - Praia do Tupé.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – O IMAGINÁRIO TURÍSTICO SOBRE MANAUS	14
1.1 O IMAGINÁRIO	14
1.1.1 Características da consciência imaginante	17
1.1.2 Construção da experiência turística através do imaginário do viajante	18
1.2 MANAUS E SUAS PARTICULARIDADES	22
1.3 O IMAGINÁRIO VOLTADO PARA A CIDADE DE MANAUS	25
CAPÍTULO II – MITOS AMAZÔNICOS	31
2.1 MITOS E LENDAS AMAZÔNICAS	31
2.2 MITOS NA AMAZÔNIA	33
2.3 OS MITOS REGIONAIS	39
CAPÍTULO III – PRINCIPAIS PONTOS TURÍSTICOS EM MANAUS E A ATUAÇÃO DO TURISMÓLOGO	46
3.1 CIDADE DE MANAUS: SEU LEGADO HISTÓRICO E O TURISMO	46
3.2 O TURISMO NA CIDADE DE MANAUS	48
3.2 CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS	49
3.3 BOSQUE DA CIÊNCIA	50
3.4 TEATRO AMAZONAS	52
3.5 ATUAÇÃO DO TURISMÓLOGO NO TURISMO DA CIDADE DE MANAUS	56
3.5.1 O uso do marketing turístico como estratégia ao turismo local	57
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIA	61

INTRODUÇÃO

A Amazônia é uma região que possui seus mistérios e encantos que, inicialmente surgiram a partir de mitos e imaginários da população local, sendo eles ribeirinhos e moradores da cidade que, influenciados pelas histórias contadas por seus antepassados perpetuaram uma cultura, mito e lendas durante séculos. Estes, por sua vez, também colaboraram com a construção de um imaginário sobre todo o Estado e a cidade de Manaus. Essas informações foram se repassando de pessoa a pessoa até envolver turistas internacionais que optam por roteiros na cidade de Manaus para conhecer mais sobre a cultura local.

As feras locais tais como onças pintadas, indígenas, histórias da época colonial sobre os Barões da Borracha influenciam a forma com os turistas nacionais e internacionais vêm a cidade. Alguns podem buscar conhecer, movidos pela adrenalina de desmistificar o desconhecido, outros passam a ter receios da cultura local pelo puro desconhecimento.

Sendo assim, temos como objetivo geral para essa pesquisa, compreender como o imaginário pode influenciar no turismo da Cidade de Manaus. Para isso, busca-se pontuar os principais mitos e figuras imaginárias que refletem a visão primitiva sobre a cidade de Manaus; evidenciar os principais atrativos da cidade de Manaus e seus pontos turísticos que refletem toda a sua história; descrever a atuação do turismólogo à frente de estratégias voltadas para a promoção do turismo local.

No primeiro capítulo, apresenta os conceitos de imaginário segundo alguns escritores e principalmente Jean-Paul Sartre e Wolfgang Iser, tratando também das características voltadas para o imaginário turístico sobre a cidade de Manaus. Livro como *O imaginário* e *O Fictício e o Imaginário*, foram leituras fundamentais para a elaboração da pesquisa.

O segundo capítulo, estuda os principais mitos e lendas que a região Amazônica traz consigo de maneira que gere curiosidades e interesses em turistas nacionais e internacionais. Os principais autores que contribuíram com a pesquisa com seus estudos foram Cascudo, Durand, Bastazin. As imagens e os recursos narrativos dos mitos mostram como isso gera aspectos positivos e negativos do turista.

O terceiro e último capítulo trata dos principais pontos turísticos da cidade de

Manaus, da qual traçaremos um perfil do contexto histórico e cultural do período da *Belle Époque*, destacando dessa maneira a atuação do turismólogo para promover essa cultura local para o turismo mundial. Os principais autores que colaboraram com suas pesquisas Botomé, Neto, Silva e Fabris.

O ponto culminante da pesquisa será demonstrar como o imaginário influencia na visão do turista sobre a cidade de Manaus.

CAPÍTULO I – O IMAGINÁRIO TURÍSTICO SOBRE MANAUS

1.1 O IMAGINÁRIO

O imaginário pode ser considerado como uma área do conhecimento que passou por vários desafios para poder chegar ao ponto de ter sua autonomia. Nessa vertente Durand (1997), ressalta que existem várias interpretações voltadas para as funções e interpretações voltadas para o imaginário. Com isso, essas estão diretamente ligadas às escolas e suas correspondentes perspectivas sobre o imaginário.

Desse modo, por estar presente em diversos âmbitos do conhecimento, o imaginário pode ser de interesse da filosofia, psicologia, antropologia e outras áreas envolvidas. Durand (1997), chegou a assinalar as principais particularidades apontadas pelo filósofo Sartre (1905-1980) voltada para a autonomia que permeia o campo do imaginário e descreve da seguinte maneira:

Para evitar “coisificar” a imagem, Sartre preconiza o método fenomenológico, que tem a vantagem de não deixar aparecer do fenômeno imaginário mais do que intenções purificadas de qualquer ilusão de imanência. A primeira característica da imagem que a descrição fenomenológica revela é que ela é uma consciência e, portanto, como qualquer consciência, é antes de mais nada transcendente. A segunda característica da imagem que diferencia a imaginação dos outros modos da consciência é que o objeto imaginado é dado imediatamente no que é, enquanto o saber perceptivo se forma lentamente por aproximações sucessivas. [...] uma terceira característica: a consciência imaginante “concebe o seu objeto como um nada”; o “não-ser” seria a categoria da imagem, o que explica a sua última característica, ou seja, a sua espontaneidade; a imaginação bebe o obstáculo que a opacidade do real percebido constitui, e a vacuidade total da consciência corresponde a uma total espontaneidade. É assim a uma espécie de nirvana intelectual que chega a análise do imaginário, este último não passando de um conhecimento desenganado, uma “pobreza essencial”. (DURAND, 1997, p. 22-23)

Com isso, Sartre traz nos seus estudos a teoria voltada para o imaginário, trazendo o uso do método fenomenológico para explicar e descrever como ocorre o funcionamento desse fenômeno, como alternativa para combater a “coisificação” da imagem. De acordo com Azevedo e Scofano (2018):

Durand elege três momentos dessa postura discriminatória do homem como produtor de imagens, símbolos e de toda a sorte de produções culturais que

valorizem mais a expressão do que a explicação por meio de conceitos, posicionamento que chamou de Iconoclasmo Ocidental (AZEVEDO; SCOFANO, 2018, p.171).

Por sua vez Sartre (2016) traz consigo nos seus estudos uma herança voltada para a fenomenologia, que por sua vez é considerada como uma escola filosófica, tendo como intuito compreender a existência das coisas. Dentro desse campo, possui também a finalidade de expor a existência de todas as coisas e de todos os fatos (SAVIO, 2016).

Dentro desse contexto, Laplantine e Trindade (2017) afirmam que o imaginário faz parte da simbologia, esta por sua vez faz parte do dia a dia social de todos os indivíduos, que pode envolver situações familiares, econômicas, religiosas e políticas. Por sua vez, todas essas estão regidas por signos e simbologias que permitem com que as pessoas possam se relacionar e promover a ação humana de forma legítima, fazendo que a vida social seja impossível fora de uma rede simbólica. Desse modo, o imaginário atua como convocador de imagens e se utiliza de símbolos ou signos para exprimir a existência de algo, pois os símbolos permitem a existência da capacidade de imaginar.

Com base nisso, o imaginário é composto pela fenomenologia, que pode ser considerada como um ato psicológico, como descreve Sala (2018, p. 2-3):

[...] antes de mais nada – ou, com maior precisão, vem de um ato psicológico. Quer dizer um ato psicológico muito elementar, a saber, o “contar. Assim, a matemática para o filósofo parte fundamentalmente do ato de contar. Pois bem, Husserl desenvolveu sua tese de doutorado sobre a natureza do número. Logo, o seu trabalho de habilitação – uma espécie de memória de cátedra – foi feito justamente sobre as implicações do “contar”, para ver se o ato contar fundamenta ou não a matemática. E justamente nesse ato de contar que encontramos imediatamente uma diferença: a diferença entre o ato de contar as coisas e o resultado de contar.

Para Savio (2016) a fenomenologia possui três grandes nomes de pensadores que contribuíram para o campo do conhecimento, sendo eles: George Wilhelm Friedrich Hegel, Martin Heidegger e Edmund Husserl. Estes autores fundaram e levaram a conhecimento de todos a fenomenologia como um campo do conhecimento humano importante, passando a analisar o que transcende a imagem, simbologias e signos.

Desse modo, para Silva (2019) na obra de Sartre denominada como A

Imaginação, que foi publicada no ano de 1940, houve um estudo mais avançado sobre o imaginário e como a fenomenologia contribui para este. Durand (1997) também faz críticas a essa obra e sobre todas as considerações do autor, que evidencia o quanto as filosofias e psicologias buscavam no século XIX coisificar toda a estrutura mental das pessoas.

Com isso, houve a teoria de que a imagem pode ser uma coisa. Entretanto, a imagem por não ter uma característica física pode ser tratada com inferioridade metafísica, se comparada ao que representa. Assim, a imagem pode ser considerada como algo menor. Desse modo, a imagem passou a ser conhecida entre os filósofos e pensadores como uma coisa menor, que possui por sua vez sua própria existência, podendo inclusive trazer para a consciência relação externa com a coisa da qual pertence a imagem. Podendo ser compreendida inclusive como uma inferioridade mal definida, como uma espécie de fraqueza abstrata, que se descreve como um grau menor de distinção e com isso é possível chegar a uma possível consideração sobre a denominação de imagem. Tornando-se reduzida a si mesmo ou ao que ela pode representar (SARTRE, 2008).

Assim, conforme a afirmativa de Sartre, quando uma pessoa sonha com um determinado alimento, pode-se compreender que a mesma estaria com fome, sendo, portanto, aquele alimento do sonho como uma necessidade ou até mesmo um medo da pessoa que sonha. Por isso que alguns psicólogos do século XIX afirmavam que a imagem trazia consigo um significado objetivo. Contudo Sartre critica justamente esse positivismo sobre a imagem, buscando compreender como essas conseguem se desenvolver na consciência de um indivíduo.

Dessa maneira, compreende-se que a imagem pode ser a representação da consciência da pessoa que imagina. Obtendo-se formas distintas de percepção. Alguns filósofos entendem que qualquer pessoa consegue pensar a partir das imagens que consegue projetar na sua mente, sendo elas como seres independentes e anteriores à própria consciência e não somente crer que as imagens são manifestações terceirizadas da mente, como se elas fossem consequências da consciência.

Dentro desse contexto Durand (1997) ressalta que:

O mérito incontestável de Sartre foi o de fazer um esforço para descrever o funcionamento específico da imaginação e para distingui-lo – pelo menos nas primeiras duzentas páginas da obra - do comportamento perspectivo ou

mnésico. Mas, à medida que os capítulos avançam, a imagem e o papel da imaginação parecem volarizar-se e chegar definitivamente a uma total desvalorização do imaginário, desvalorização não corresponde, de modo nenhum, ao papel efetivo que a imagem desempenha no campo das motivações psicológicas e culturais. Finalmente, a crítica que Sartre dirigia às posições clássicas em *L'Imagination*, censurando-as por “destruírem a imagem” e por “fazerem uma teoria da imaginação sem imagens”, volta-se contra o autor de *L'Imagination* (DURAND, 1997, p. 24).

Com base nisso, Durand (1997), como uma forma de complementar os estudos de Sartre (1940), passou a descrever que as imagens são símbolos que acontecem de forma terceirizada, como se fosse algo que representa algo que vem logo em seguida de um pensamento lógico. Por exemplo, uma determinada pessoa vê um jornal com uma determinada notícia assustadora sobre um determinado lugar, como se nesse lugar estivessem acontecendo coisas terríveis. Após essa notícia, o pensamento vai se responsabilizar de criar imagens sobre aquele lugar que podem oferecer medo ou pavor para essa pessoa. Por isso que alguns filósofos compreendem que a imagem possui sua própria consciência.

Assim, passou-se a compreender que o imaginário está relacionado a tudo que o indivíduo apreende no decorrer de sua vida e passa para o coletivo, está diretamente relacionado às expressões culturais e vai se alterando ou modificando conforme as configurações voltadas para a identidade de cada um, como uma forma de representatividade de cada cultura. No entanto, o imaginário está condicionado ao olhar individual de cada sujeito. Desse modo, ao entrar o interesse e o desejo na realidade do indivíduo, o sujeito passa a construir seu próprio imaginário (BARROS, 2012).

1.1.1 Características da consciência imaginante

Em meados dos anos de 1940, com a obra *O imaginário de Sartre*, conhecimentos sobre a fenomenologia se tornou o ponto de partida para se iniciar uma nova psicologia, com o intuito de analisar a imagem dentro da consciência humana, possibilitando com isso, entender todas as suas formas de aparição decorrentes de situações abstratas. Por isso, Cerdeira (2017, p.121) descreve a imagem como uma forma de perceber o mundo:

A imagem é uma consciência. A imagem é uma forma de visar o mundo intencionalmente, de uma forma distinta de percepção [...] Quanto a noção de considerar a imagem na consciência, basta recordarmos daquilo que há como consequência da Intencionalidade, aspecto central da herança da filosofia de Husserl na obra de Sartre: sendo consciência sempre de alguma coisa, o que resulta disso, sucintamente, é o caráter translúcido da consciência, uma vez que ela passa a ser substância, como era compreendida em diversos sistemas filosóficos (CERDEIRA, 2017, p.121).

Dessa forma, o consciente imaginante coloca seu objeto como um nada, e vai se alterando à medida que a pessoa passa a ter contato direto com aquele objeto, à medida que o objeto esteja longe, pode ser considerado um lugar de nada, pois somente em observar não há descrições de detalhes que podem ser proporcionados ao toque. A visão à distância proporciona experiências diferentes do contato com o objeto (CERDEIRA, 2017).

1.1.2 Construção da experiência turística através do imaginário do viajante

Busca-se através de variados estudos compreender as experiências que são proporcionadas pela experiência ou atividade turística, voltada para a relação que existe entre turista e vida cotidiana. Por isso, estudos desenvolvidos por Krippendorf (2003), MacCannel (2003), Uriely (2005) dentre outros autores vêm levantando esse questionado relacionado à compreensão do interesse que essa atividade desperta na sociedade, mesmo com o avanço tecnológico e industrial, que por sua vez também contribuem para o compartilhamento do imaginário turístico sobre um determinado local através da disseminação da imagem por diversos meios ou mídia.

Esses avanços tecnológicos contribuem com a propagação da imagem de uma cidade ou de um ponto turístico de forma mundial, gerando uma relação mais próxima entre o turista e o autóctone. Dessa maneira, a imagem compartilhada com o turista é a peça mais importante da experiência relacionada à viagem e colabora para a escolha do destino. Com as imagens que são divulgadas, o indivíduo começa a imaginar como seria a sua experiência naquele lugar. Por isso cada vez mais estudos estão sendo desenvolvidos para que possa ser consolidado esses conceitos que permeiam a imagem e o imaginário (SILVA, 2006).

Dessa maneira, as viagens geram uma experiência, que tanto por ser positiva quanto negativa. Trigo (2015) afirma que para que haja uma experiência marcante no

turista faz-se necessário que haja a superação sobre a banalidade, bem como os aspectos considerados triviais, estereotipados e convencionais, buscando estruturar-se como uma experiência que surja a partir da riqueza pessoal do viajante, que procura momentos e lugares que enriqueçam a sua história. Quando isso não acontece, sobra a promessa não cumprida, a frustração, a sensação de felicidade dúbria.

Para que possa existir uma compreensão do que é essa experiência, faz-se necessário entender o sentido etimológico da palavra experiência, que vem do latim *experientia*, que significa ensaio ou tentativa. Diferente de entretenimento, porque a experiência não busca somente entreter, o termo implica em colocar o indivíduo dentro de um processo, gerando no turista uma percepção aprofundada sobre o local visitado (PANOSSO NETO; GAETA, 2010).

Panosso Neto e Gaeta (2010) afirmam que a viagem representa para o turista uma experiência paradigmática, sendo uma atividade que tem a capacidade de transformar a pessoa que a realiza, por isso a viagem precisa ser uma experiência que ofereça ao indivíduo o desfrute e o prazer de estar ali, sendo como algo intransferível, sendo portanto, uma experiência transformadora (NASCIMENTO; MAIA; DIAS, 2012).

Figueiredo e Ruschmann (2004, p.181) afirmam que:

O dispêndio não produtivo, em consonância com a noção de *dépense*, de George Bataille, apropriada por Maffesoli (1989, 2000), indica a valorização da experiência turística não como uma experiência transformadora, em busca da autenticidade, como sugere MacCannell (2003), mas uma experiência que se encerra em si própria. Sem o objetivo de existir, como as festas em momentos não cotidianos, a viagem turística é uma forma completa de experiência prazerosa.

No entanto, pode-se compreender que a experiência pode ser transformadora pois o turista jamais será o mesmo depois de conhecer ou vivenciar algo na sua vida, se tratando de viagens ou de lugares a serem conhecidos, a experiência do turista transforma-o sobre a história daquele local.

Featherstone (1995) afirma que para o turista não importa tanto se o que estão apresentando a ele é algo autêntico ou uma simulação de algo, como uma festa tradicional ou de um ritual ou qualquer outro evento parecido. O que vai interessar de fato é a profundidade e a qualidade do que está sendo apresentado, pois precisa existir e proporcionar momentos prazerosos.

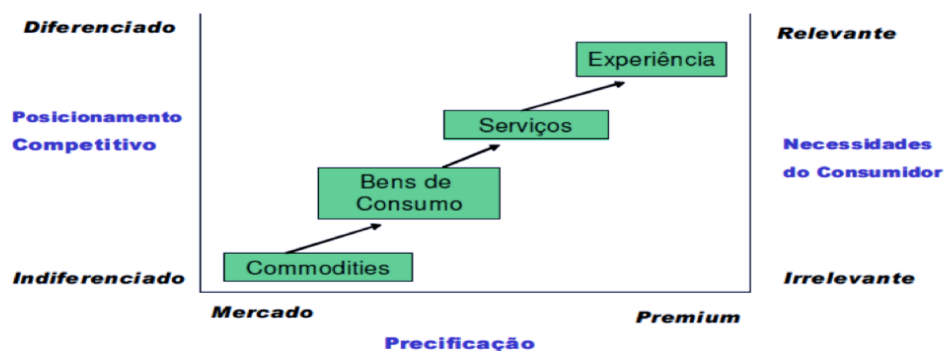
Com base nisso, o imaginário do turista precisa estar sendo compensado com a correspondência de sua expectativa ao ponto de a viagem estar presente mesmo depois de ter acabado, com a lembrança dos momentos através de fotos e vídeos. Como afirma Krippendorf (2003, p.39): “[...] os amigos e conhecidos, os vizinhos e colegas voltam das férias e contam-nos suas aventuras como se não existisse nada de mais belo sobre a terra”.

Sun Tung e Ritchie (2011, p.1369) afirmam que a experiência turística envolve uma avaliação subjetiva individual, esta por sua vez também envolve o campo afetivo, cognitiva e comportamental, que está relacionado no momento que o turista se prepara para a viagem com a organização e planejamento de seu roteiro, ou durante o destino, bem como depois da viagem que é o momento de recolhimento.

Krippendorf (2003) ressalta que o ser humano nasceu com uma curiosidade nata e com a necessidade de mobilidade, o que faz com que sempre busque coisas diferentes, desbravar, descobrir e aprender com o desconhecido, encontrando neste uma alternativa para o lazer, entretenimento, como uma forma fuga da sua rotina e da monotonia do dia a dia. Essa procura por outros lugares que oferecem lazer e entretenimento, pode estar relacionado a falta de estrutura da cidade de origem, relacionada a entretenimentos “novos”, sendo realizada a busca de forma “externa”.

Pine e Gilmore (2000) afirmam que a experiência adquirida através do imaginário que o turista desenvolve pode ser considerada como um quarto setor da cadeia de valor econômico, diferente de serviços e da produção industrial. Perante a análise do posicionamento competitivo, esses mesmos autores estabeleceram uma análise de Progressão de Valor Econômico da Experiência, como pode-se observar na Figura 1:

Figura 1 - Análise da Progressão de Valor Econômico da Experiência



Fonte: Pine e Gilmore (2000).

Essa representação traz consigo a importância que o turismo proporciona para os turistas, pois a experiência adquirida em um roteiro de viagem ou em uma determinada cidade do país ou internacional, oferece experiências valiosas que podem inclusive ser comparadas como bens, sendo além disso tratada como algo que vai ao encontro das necessidades do ser humano em explorar e adquirir novos conhecimentos ou vivências.

De acordo com Bezerra e Silva (2016, p. 67), para que essa experiência consiga ser impactante positivamente para o turista precisa existir uma construção da imagem da cidade para aquele turista:

Para dar início a explanação desta relação faz-se necessário, antes de tudo, discorrer sobre a fotografia e sua importância para a construção da imagem, levando em consideração que os turistas e suas fotografias compõem uma relação importante para a atividade turística, estetizando imagens que foram capturadas em suas viagens e que fazem parte da experiência.

Pode-se considerar que o turismo depende da criação do imaginário do turista, este por sua vez está relacionado à criação de imagens, imaginários e expectativas que são desenvolvidas pelo turista no local visitado. Contudo, faz-se necessário compreender quando o imaginário está se tornando fantasioso e até que ponto as imagens que são transmitidas para os turistas são de fato honestas aos fatos (COUTINHO et al.,2016).

Assim, a construção do imaginário acontece de forma contínua que podem ter tido a sua origem de alguma imagem real ou de um fato que realmente aconteceu, bem como depois de surgimento de relatos ou imagens fantasiosas, consideradas como fictícias. Além disso, esse imaginário parte também de uma construção social, individual e coletiva, demonstrando que o campo da imaginação voltada para o turista, está em contínua transformação (MENDES, 2007).

Coutinho et al., (2016, p.45) afirma que:

[...] a imagem turística é uma construção mental, na qual os elementos relacionados ao conhecimento, impressões e crenças possuem prioridade em detrimento das representações visuais. Isto é, o “imaginário” de um destino não será fixado na mente dos turistas a menos que seja agregado a ele algum valor, sentimento e importância [...].

Contudo, essa maneira de elevar a imagem de um determinado local, se for feita de forma deturpada, poderá ser arriscada em omitir ou abafar os aspectos

problemáticos da cidade visitada, com o intuito de mostrar somente para o turista a imagem que seja atrativa para o turismo. A única questão que precisa ser levada em consideração é transmitir a autenticidade referente ao local ou a cidade, sendo transmitida as informações de formas honestas e sinceras em relação ao que apresentam aos turistas ou não (JITRIK, 1995).

Coutinho et al., (2016, p. 46) afirma que:

Desse modo, independente se determinada obra transmite a verdade ou não, ela pode servir para manipular e assim “criar” sua própria verdade, ou seja, manipulando os fatos. Esse é um ponto importante para o presente debate, pois, imagens deturpadas podem gerar malefícios a longo prazo com relação ao turismo, já que com o tempo, aquilo que foi forjado para aumentar o poder de atração de um destino pode ser desmascarado e ter como consequência a desvalorização do lugar.

Entende-se que a falsificação de imagens pode ser um risco relacionado ao Turismo, por fazer parte de um produto intangível. Isso ocorre porque para uma pessoa comprar uma passagem aérea ou um pacote turístico de um determinado lugar, primeiramente ela precisa ter uma percepção daquele lugar, estas por sua vez são captadas por imagens recebidas e também manifestando-se desejos relacionados ao lugar que deseja-se obter experiências e vivenciá-las.

1.2 MANAUS E SUAS PARTICULARIDADES

Manaus é a capital do Estado do Amazonas. Nos seus primórdios todo o seu território tinha uma presença indígena. Contudo, as riquezas voltadas para a época da borracha, em 1850, atraíram muitos interesses franceses para a cidade, contribuindo para uma mistura diversificada de raças pela pequena cidade povoada. Assim, Coelho (2013, p. 141) descreve esse momento como a *Belle Époque*:

O que no léxico da História Cultural ficou configurado como belle époque indica um complexo processo de relações culturais, sociais e mentais, mas também materiais e políticas, desenvolvidas no interior de um corpus reconhecido historicamente como o da cultura burguesa e da sua afirmação no interior dos quadros hegemônicos do capitalismo industrial no final do século XIX. Em nome da identidade de um tempo cujos sujeitos sociais emergiram das novas condições econômicas e sociais dominantes no mundo do capital, a belle époque implica reconhecer linguagens, gostos, atitudes, estéticas, sociabilidades que, construídos em escalas diferenciadas nos espaços hegemônicos da cultura burguesa, reproduziram-se, em escala

planetária, também na condição das formas de ser e de agir em tempos que abrigavam o proclamado triunfo do Progresso e da homologia, a Civilização. A mitologia da belle époque foi expressiva e enraizada o bastante para construir suas representações e mundializá-las.

Dessa forma, a *Belle Époque* foi conduzida ao mundo nessa época como algo que deveria seguir de exemplo para outros países. Esse sentido de urbanidade estaria voltado somente para a elite e excluía os mais pobres, que no caso da cidade de Manaus envolvia os seringueiros, indígenas e ribeirinhos. Sendo assim, o que ainda mais imperava era a quantidade de indígenas que ocupava a cidade e faziam com que a cidade tivesse uma imagem de rústica. Como afirma Braga (2016, p. 56) que:

[...] em 1852 Manaus possuía 8.500 habitantes, ou seja, poucos anos após a descrição de Marcoy podemos perceber que houve um crescimento populacional, se os dados forem confiáveis. Destes 8.500 moradores, 4.080 eram índios, 2.500 mamelucos, 900 brancos, 640 mestiços e 380 escravos.

Com base nisso, a cultura da região esteve voltada para as raízes indígenas, tornando-se com isso, o turismo cultural como o principal foco dos turistas que procuram a cidade de Manaus para realizarem visitas ou conhecer a cultura indígena que envolve a cidade junto com os marcos do auge do tempo da Belle Époque.

Entende-se que a urbanização nos anos de 1970, na cidade de Manaus, fez com que a cidade tivesse mudanças estruturais e que estas serviriam de influências para a dinâmica econômica de uma determinada região, e isso impactava diretamente o turismo pois iniciava-se um processo de construção de uma cidade que estaria afastando cada vez mais essa ideia de que a cidade de Manaus estaria habitada totalmente por índios. Isso porque a urbanização é um processo que transforma uma cidade ou um local. Como afirma Rodrigues (2016, p.30) “a instituição das regiões metropolitanas na década de 1970 tinha como pressuposto a análise das influências que algumas cidades exerciam sobre a dinâmica econômica e política de uma região ou mesmo de todo o país”.

De acordo com isso, Novo (2020) afirma que Belém e a cidade de Manaus foram as cidades amazônicas que mais vivenciaram o crescimento urbano nas últimas décadas do século passado, mantendo ao mesmo tempo todas as suas paisagens e

florestas bem preservadas, mantendo uma visão de região tropical e ao mesmo tempo de grandes avanços e expansão voltados para o controle das relações sociais que envolve o turismo tanto comunitário quanto ecológico. Vale ressaltar que:

[...] as relações sociais de produção na Amazônia têm sido produzidas e reproduzidas numa espacialidade concretizada e criada para possibilitar a expansão do capitalismo que avança, fragmentando-a e homogeneizando-a, estabelecendo condições de controle para inseri-la na escala global (OLIVEIRA, 2015, p. 22).

Assim, compreende-se que Manaus com o decorrer dos anos foi caminhando para uma metrópole que abriga pessoas, serviços e empresas dos mais variados tipos e segmentações, com o intuito de oferecer para todos os habitantes e para os que visitam a cidade um leque ampliado de oportunidades. Com isso, afirma-se que Manaus teve marcos no passado que resultaram nesse avanço. Por isso, Becker (2016, p.104), afirma que Manaus:

[...] teve importante papel em todos os períodos da história amazônica graças à sua posição geográfica estratégica, conseguiu gerar sementes de futuro para se tornar uma cidade mundial como capital da Amazônia sul-americana, e assim, promover a difusão do desenvolvimento que se almeja, utilizando o capital natural sem destruí-lo para beneficiar as populações amazônicas (BECKER, 2016, p. 104).

Oliveira e Schor (2011) afirmam que esse capital natural beneficiou e beneficia toda a população da cidade de Manaus, tornando-a uma cidade que cultiva a cultura local, sendo que sua expansão começou a ser iniciada desde as últimas décadas do século XIX, o primeiro avanço teve origem na produção da borracha. Para os autores, esse momento deu início a uma melhoria nas condições da cidade levando-se em consideração a sua infraestrutura e os serviços urbanos.

Assim, o distanciamento do foco indígena para o da estrutura tem sido levado em conta por causas dos marcos que a cidade foi tendo que passar. Com a decadência da borracha na década de 1920, seu pontapé inicial econômico, o surgimento da Zona Franca de Manaus, em 1967, foi preenchendo o vazio demográfico que envolveu a estagnação econômica entre esse espaço de tempo. Como afirma Seráfico e Seráfico (2015, p. 99-100):

[...] a criação da Zona Franca de Manaus foi justificada pela ditadura militar com a necessidade de se ocupar uma região despovoada. Era necessário, portanto, dotar a região despovoada. Era necessário, portanto, dotar a uma região de “condições de meios de vida” e infraestrutura que atraíssem para ela a força do trabalho e o capital, nacional e estrangeiro, vistos como imprescindíveis para a dinamização das forças produtivas locais, objetivando instaurar na região condições de “rentabilidade econômica global”. De fato, sua criação e desenvolvimento sempre estiveram atrelados a circunstâncias político-econômicas locais, nacionais e mundiais.

Dessa forma, a Zona Franca de Manaus (ZFM) passou a trazer para a cidade um desenvolvimento econômico capaz de fazer com que a mesma pudesse ser conhecida por todo o Brasil com o seu Polo Industrial. Como afirma Novo (2020), a atuação da ZFM pode oferecer uma melhor integração produtiva e social para o manauara proporcionando oportunidades econômicas para os moradores da região e propiciando vantagens para as fábricas que vieram contribuir com o crescimento local. No entanto, há literaturas que trazem consigo ressalvas sobre a atuação do Pólo Industrial pois trouxe consigo também outros interesses em oferecer vantagens econômicas para as empresas para as mesmas aproveitarem a mão de obra da cidade de Manaus, gerando um ciclo econômico local, que atualmente não traz mais grande impactos, devido a aprovação de leis voltadas para os impostos em outras partes do país que, inclusive contribuíram para a retirada da indústrias da cidade para outros Estados.

1.3 O IMAGINÁRIO VOLTADO PARA A CIDADE DE MANAUS

Existe no dia a dia Manauara o imaginário voltado para o lendário, como os Deuses da floresta, que se apresentam como os guardiões das matas, como Caipora, Curupira, Matintaperera, Iara e outras figuras lendárias como a cobra grande Honorato, bem como o famoso Boto Conquistador, que faz com que a imaginação dos moradores locais ultrapasse gerações, conseguindo adentrar no imaginário de pessoas de outras partes do país quanto em outras partes do Mundo.

O imaginário está voltado para mitos e fantasias que são criadas com base na ilusões e pensamentos de diversas pessoas de um determinado local, cidade, região e comunidade. Essa fantasia ocorre porque o ser humano imagina diversas situações que vão além do que pode existir, representando nesses pensamentos seus anseios, desejos, medos e possíveis possibilidades. Os sonhos também podem adentrar nesse

campo imaginário, pois remetem a desejos ou pensamentos como por exemplo o pensamento de desejar uma viagem para diferentes lugares (BEZERRA, 2013).

Por outro lado, o imaginário voltado para a época da borracha, faz com que a cidade de Manaus possa ser chamada mundialmente de Paris dos Trópicos, trazendo esse imaginário de influência francesa para todo os turistas nacionais e internacionais. Por sua vez, a cidade passou a ser conhecida de maneira local e internacional assim devido à presença francesa no Estado do Amazonas, na cidade de Manaus, na época da borracha, onde parte da história do Amazonas descreve esse momento a época dos eventos e de grandes construções como o Teatro Amazonas e a Igreja de São Sebastião. A presença da França na Amazônia esteve voltada à posse de lugares ou territórios para a sua exploração.

Para Souza (2013, p.21):

Esta semelhança com Paris é um apelo vulgar, é a falta de valorização de uma cidade que nascia à margem das grandes metrópoles europeias e a comparação é injusta, apenas um mito a mais nas histórias amazônicas. Tais perspectivas de urbanidades foram retratadas por expectativas culturais e por outros locais históricos e cidades importantes, percebe-se que essa ideia destacada por De Amicis de que a experiência da cidade é refratada por expectativas culturais sem dúvida se aplica a outros locais históricos e cidades importantes.

Diante disso, nos dias atuais ainda é reconhecida de forma internacional como Paris das Selvas, por causa da biodiversidade que está ao seu redor, pelo fato da cidade ser a capital do Amazonas e através de toda a sua história vislumbrada desde o século XVII da época da borracha. Esses momentos históricos da cidade se juntam com todo o contexto lendário que envolve os mistérios da floresta amazônica, circundando também outros imaginários que podem estar relacionados aos mitos da região e aos crimes ambientais que são cometidos na floresta amazônica. Todo esse conjunto contribui para a construção do imaginário da população e atua diretamente no turismo regional.

A relação entre imaginário e turismo está estritamente interligada. Isso porque o turismo também traz consigo um imaginário próprio, do navio cheio de turistas de todas as partes do mundo, repleto de pessoas que estão dispostas a se envolver em uma aventura paradisíaca. Faz parte desse próprio imaginário a visão idealizadora de um hotel de selva, cercado com pássaros de todas as espécies, curtindo-se o canto do Uirapuru ou o sol da floresta amazônica em uma cadeira de sol ou se embalando

em uma rede ao redor do rio. Outro imaginário está voltado para o encontro de uma região coberta de animais selvagens, exóticos e de indígenas.

De acordo com Malfredo (2018), a maioria da expectativa dos turistas internacionais quando vem ao Brasil, mais precisamente à cidade de Manaus, possuem uma expectativa com a viagem, esperando encontrar uma Amazônia totalmente exótica, com seres fantásticos. Buscam conhecer as espécies que estão em extinção ou um ecossistema totalmente ameaçado. Essa Amazônia também é vendida na cidade de Manaus para os turistas, para que assim estes possam aguçar ainda mais a imaginação, com o intuito de tornar a experiência turística mais interessante. Um exemplo é a repercussão da imagem da onça pintada como uma representação da fauna amazônica, que pode ser encontrada em qualquer lugar da cidade, segundo o imaginário de turistas nacionais ou internacionais (Figura 2).

Figura 2 - Onça pintada como animal que representa a fauna selvagem da Amazônia



Fonte: Reis, Reis, Andrade, 2016.

Para Bezerra (2013), ao mencionar a palavra turismo geralmente visualiza-se o destino específico e todas as suas atividades relacionadas, bem como todo o imaginário que envolve o local a ser visitado também se debruça na mente do turista quando assimila palavras, termos com o local citado. As palavras que podem lembrar o local podem dar a este valor agregado, ou somente pode criar um estereótipo a partir de um imaginário preexistente, que pode ser tanto individual quanto coletivo.

Partindo dessa visão, o imaginário voltado para o turismo envolve todo o ponto

de vista do indivíduo relacionado àquele lugar, de maneira que o imaginário deste constrói características e expectativas relacionadas a forma de viver, o ambiente do local, o estilo de vida da região a ser visitada. Essa visão acontece a partir do contato real com algum meio, que aos poucos a fazem distorcer a realidade.

De acordo com Gastal (2015, p. 66):

Produzir e consumir imaginários passou a fazer parte das necessidades básicas humanas. Nosso imaginário estará povoado não só pelas viagens e recantos consagrados e exóticos do planeta, mas também à espera de novos desafios no espaço extraterrestre.

De acordo com essa visão, imaginar agrega tantos valores, quanto anseios, desejos e toda a expectativa relacionada ao lugar que será visitado. Isto está relacionado às necessidades humanas, que imagina antes mesmo de conhecer, que deduz antes mesmo de constatar. Pode-se compreender que o imaginário dos indivíduos está totalmente povoado de desejos e expectativas que agem com a tentativa de suprir a necessidade humana ou necessidades básicas do homem, que imagina antes mesmo de viver ou ter algo (BEZERRA, 2013).

Diante do exposto, para que haja uma compreensão entre a relação do imaginário com o turismo precisa primeiramente compreender que o imaginário faz partes das atividades turísticas e se torna o principal atrativo para que turistas possam explorar e viajar pelo mundo. O que atrai o turismo para um determinado lugar está relacionado com os encantos, mistérios ou até diferença do ambiente a ser visitado, fazendo com que o turista seja um consumidor do que o local a ser visitado tem para oferecer, fazendo dessa relação um contato mercadológico, onde as atividades estão concentradas na adaptação das ofertas de um determinado produto envolvendo circunstâncias e necessidades do público-alvo (SWARBROOKE; HORNER, 2012).

O turismo está relacionado com o imaginário dos indivíduos, isso ocorre porque o turista imagina antes de realizar a viagem e idealiza ou cria expectativas relacionadas aos locais aonde irá visitar. Uma das formas de demonstrar isso está relacionada aos filmes e desenhos que representam a região Amazônia no cinema e na televisão do mundo todo, como por exemplo o *Rio 2*, que retrata o imaginário da região Amazônica através das aventuras de duas araras.

Assim, Lopes et al., (2017, p. 384) afirmam que:

Em Rio 2, a força criativa da obra audiovisual, reconfigurada pelo imaginário social, que há séculos vem sendo construído, pode imprimir uma leitura superficial, limitando a compreensão do Brasil e reforçando produtores. Além disso, a inter-relação com outros segmentos, como a promoção do turismo e megaeventos, a intermedialidade e até a comercialização de suvenires derivados do filme, demonstra o quão abrangente é seu impacto. Essa percepção, não pretende ser relativista, tomar qualquer partido ou juízo de valores, mas proporcionar uma visão dialógica, pela qual os conhecimentos e significados se constroem na interação e no debate, como propõe a perspectiva dos Ecossistemas Comunicacionais.

Esse imaginário selvagem contribui para a construção de expectativas relacionadas ao que o turista irá encontrar na cidade de Manaus, e contribui também para fazer com que pacotes turísticos voltados a passeios ou excursões possam oferecer para o turista o deslumbre, como tentativa de corresponder às expectativas desenvolvidas a partir do compartilhamento da imagem que o mundo possui da Amazônia.

Riegler (2010) afirma que os meios de comunicação são instrumentos eficientes para propagar a imagem de uma cidade ou de um local para que possa transmitir imagens turísticas para o mundo todo. Esse compartilhamento de imagens pode acontecer de forma intencional, quando é realizado por agência de viagens, ou não, como nos casos que pessoas compartilham com outras suas experiências nas viagens em um determinado local.

Coutinho (2016) ressalta que geralmente os criadores de imaginário de lugares turísticos são os cineastas, fotógrafos, turismólogos, investidores do Turismo, escritores e figuras públicas voltadas para o desenvolvimento turístico local. Além disso, qualquer pessoa pode ser criadora de imaginário de um lugar ao compartilhar vídeos, fotos em suas redes sociais ou com outras pessoas, como famílias e amigos.

De acordo com Mendes (2007), a representação dessas imagens em obras de arte ou em expressões se torna essencial para fazer com que a imagem de um local possa desenvolver ou atribuir sentidos. Por isso, precisa existir a preocupação de não forjar a imagem turística de um local, pois quando o turista realiza a sua visita e caso não seja conforme imaginava ou esperava, desenvolve sentimentos de ilusões ou decepções podendo inclusive desenvolver um ambiente hostil perante outras pessoas e ao desenvolvimento turístico.

Vega (2011, p. 58) afirma que:

A favor de projetar uma imagem turística positiva, deixa-se de fora partes da realidade de conjunto do lugar que preferem ocultar, como a forma de vida dos habitantes locais e seus problemas sociais, nos oferecendo uma visão parcial e dirigida que não apenas se manifestará na imagem, mas também alcançará as condições urbanas e arquitetônica de zonas habilitadas para os turistas.

Pode-se afirmar que a imagem distorcida de um patrimônio cultural e/ou nacional pode ajudar a reproduzir uma imagem deturpada, permitindo com que isso possa continuar no decorrer do tempo. A imagem vai gerar informações para todos os turistas que, se for positivo, irá repassar para mais pessoas, aumentando ainda mais a busca desses destinos para visitas ou alternativas para um trajeto de viagem.

CAPÍTULO II – MITOS AMAZÔNICOS

2.1 MITOS E LENDAS AMAZÔNICAS

Para compreender o que é mito precisa ser realizada uma análise conceitual de como ocorre o fenômeno do imaginário através do mito. Com relação ao mito, trata-se de uma história que está voltada para explicar algumas situações, principalmente que surgem com fenômenos da natureza que não podem inclusive ser tão compreendidos. Como acontece com a origem do mundo, dos seres humanos ou animais, o mito pode também conter diversas denominações e outras explicações, sendo assim um conceito que se confunde com fatos que aconteceram e pessoas que de fato existiram (ROCHA, 2016).

Ainda de acordo com o mesmo autor, torna-se complexo definir um significado para mito pois a mesma palavra pode ter dentro de si diversos significados, sendo por isso usado por diversas etnias e povos pelo mundo inteiro, usado de diversas maneiras, com objetivos diferenciados e incomuns. Podendo inclusive existir uma certa confusão com lendas, que muito inclusive podem ter mesmo significado. No entanto, as lendas possuem outros objetivos, pois estas não se preocupam em explicar os fatos que ocorreram em uma determinada sociedade em um determinado tempo, já que, trata-se de contos de histórias fantasiosas. Quanto ao mito é uma forma de diversas pessoas explicarem como é percebido o mundo em que vivem, descrevendo com isso suas características relacionadas à uma determinada simbologia de uma determinada cultura.

Contudo, a relação entre mitos e lendas precisam ser explicadas, pois ambas fazem parte do imaginário popular de diversos povos, podendo-se conceituar essa diferença como descreve Bayard (2011, p. 11):

O mito é uma forma de lenda; mas os personagens humanos tornam-se divinos, a ação é então sobrenatural e irracional. O tempo nada mais é que uma ficção. Na realidade, essas categorias se embarçam e os mitos são de uma infinita variedade; relacionam-se às religiões, são cosmogônicos, divinos ou heróicos. As lendas, com personagens mais modestos, fazem evoluir mágicas, fadas, bruxas, que, de uma maneira quase divina, influem nos destinos.

Conforme descreve Lima et al., (2021), a lenda pode ser considerada como uma narrativa mítica que traz consigo conhecimentos culturais de um determinado povo e traços socioculturais presentes nas vidas de diversas pessoas que habitam em um determinado local. Essas narrativas trazem consigo a sensibilidade dos indivíduos, com o intuito de levar às pessoas uma nova visão de mundo e a construção de uma compreensão de suas realidades.

As lendas e os mitos fazem referência à uma memória individual, que conduzem para todo o coletivo, utilizando-se as práticas de recordações. Nessas, pode-se atribuir valores simbólicos à natureza bem como a paisagem, com artefatos ou rituais sobre acontecimentos significativos que advém do passado. Atuando de maneira que ajudem a sintonizar os membros dos grupos. Dentro desse entendimento, descrevem Carreteiro, Rosa e Gonzáles (2017, p. 15):

A memória coletiva é, portanto, tudo o que acabamos de mencionar, mas também os mitos, as artes, os relatos compartilhados, todo um imaginário que faz ressoar em cada um os mesmos significados, as mesmas sensações, o que nos permitir viver em nós, distinguindo-nos dos outros. Quando uma comunidade passa um tempo junto, desenvolve suas formas de simbolismo, de emoção, de lembrança compartilhada, de celebração da própria identidade. Nas comunidades primárias, em etnias muito antigas, essa identidade é forte, já desenvolveu sistemas de coesão. Não precisa de fatores externos para tornar mais forte sua identidade, sua coesão interna.

Dessa maneira, o mito pode ser considerado como uma união entre o homem e as suas origens e que, portanto, guarda os traços de sua memória que transparecem suas origens culturais, dando um sentido ao que o Homem desconhece. Através dos mitos pode existir um entendimento sobre o funcionamento das culturas que foram surgindo considerando que “o mito fundado está para a cultura assim como o mito individual está para o sujeito: uma palavra fundada de identidade” (CECCARELLI, 2012, p.32).

Para Rocha (2016, p. 02), “o mito faz parte daquele conjunto de fenômenos cujo sentido é difuso, pouco nítido e múltiplo. Serve para significar muitas coisas, representar também várias ideias, ser usado em diversos contextos”.

Assim, os povos na Antiguidade buscavam meios para explicar suas origens, permanências e culturas em diversos lugares, geralmente esses mitos eram

acompanhados de ritos, sendo a principal causa da criação de variadas culturas nos continentes, que surgiram a partir de crenças mitológicas. Pode-se, por exemplo, perceber a expressão dessas culturas na cultura egípcia, assim como nas culturas africanas e indígenas, bem como outras como a cultura americana ou europeia.

Desse modo, considera-se que o mito possui o caráter de ser explicativo ou simbólico e está relacionado com datas e uma religião. Com isso, procura-se explicar a origem do mundo utilizando-se personagens sobrenaturais como deuses, figuras na natureza que possuem formato humano, e que possuem histórias sagradas, contudo são histórias sem embasamento, mas que foram aceitas por muitos como verdades. Por outro lado, alguns fatos históricos também podem se tornar mitos, desde que as pessoas que compartilharam essa história atribuam uma simbologia que tornem o fato ainda mais importante para suas vidas (DALATE, 2017, p. 106-107).

O mito é uma história fantástico-religiosa. [...] É muito profunda a relação entre mito e religião [...]. Por incrível que pareça, não é Deus que cria os homens, mas são estes que criam os deuses a sua imagem e semelhança. As divindades são projeções do inconsciente coletivo que inventa configurações transcendentais que expressam plasticamente seus desejos e seus temores. O mito é uma crença-verdade [...] passa a ser objeto de crença popular nas sociedades primitivas [...] exerce um grande fascínio sobre os fiéis que se sentem tomados por um poder sagrado. O mito segue uma lógica peculiar. A criação do mito é anterior a formação da consciência reflexiva [...].

De acordo com Barthes (2016), o homem em busca de conseguir compreender o mundo ou encontrar respostas para suas perguntas, cria e recria no seu imaginário respostas para cada lugar, fato ou objetos do mundo a sua volta, passando a obter uma “uma existência fechada, muda, a um estado oral (...), pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar as coisas” (p.131).

Pode-se considerar por exemplo que o imaginário é a representação de mitos que, trouxeram toda uma significação para experiências que já foram vividas, talvez não pela pessoa que acaba obtendo esse imaginário, mas para outras pessoas que deram origem a esse mito, baseando-se em narrativas orais, por sua vez a oralidade traz consigo a prática social com informações significativas, estas mantêm a cultura de um povo.

2.2 MITOS NA AMAZÔNIA

As narrativas míticas divulgadas numa cultura de tradição como a da Amazônia são a verdadeira expressão da multiplicidade étnica formadora da região; elas envolvem sonhos, devaneios, aspirações, encantos e desencantos. Naquele espaço, homens ribeirinhos, animais, seres sobrenaturais, rios e matas são percebidos como forma de captação do sentido íntimo das coisas; ali “os mitos vicejam, robustos, reconhecíveis, mas ainda com a seiva quente das terras de origem” (CASCUDO, 2012, p.45).

Ainda de acordo com Cascudo (2012, p.77), na Amazônia, a facilidade com que o ribeirinho e o indígena ouvem e transmitem, “qualquer história, multiplica o mundo fantástico, alargando as fronteiras móveis da imaginação criadora. O mito inscrito, no processo de formação da cultura daquela região é um elemento fundamental para compreender o imaginário que se materializa e dá vida a um mundo que vai além daquele que é visto e identificado na linguagem poética que, na Amazônia, flui como as águas.

Dessa maneira, a palavra mito, relendo os gregos, remonta a tradição centrada no “*Mythos*”: palavra que surge com filósofos gregos, como Sócrates. *Mythos* quer dizer “palavra”, possuindo o sentido básico, de “enunciação verbal”, a qual de acordo com o contexto, pode ser interpretada por discurso; oração; fala pública, discussão filosófica, conselho; relato conformado por testemunhos; conto; argumento ou trauma; história sagrada (COELHO, 2013, p.89).

Voltando-se esse mito para o imaginário, Durand (1997) explica que ele é composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetiva social de uma cultura. Pode ser entendido também, como um substrato ideológico mantido por uma comunidade. É por meio dessa lógica que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. Essa esfera da mente humana chamada de imaginário existe na vida real, sendo constantemente ativada, seja pelas experiências, pela consciência, ou pela própria *psiquê* individual ou coletiva de uma sociedade. O que favorece às múltiplas formas de manifestações humanas.

Sobre a perspectiva em destaque, é possível afirmar que as histórias míticas para o caboclo-ribeirinho da Amazônia influem como um exemplo para as suas ações cotidianas, imprimindo no seu imaginário uma forma de pensar singular na busca de obter respostas para o que se considera inexplicável, construindo dentro de sua mente “uma realidade intelectual extremamente complexa”. Ainda nesse sentido, faz-se necessário registrar que as histórias míticas primordiais narradas pelos moradores

próximos aos rios e matas de Amazônia são enriquecidas pelo fantástico e absurdo, e sua criatividade leva-os à compreensão da sociedade a que pertencem, bem como seus anseios, religiosidade, concepção de mundo e identidade (ELIADE, 2014,p.42).

Por isso, afirma-se que um mito, qualquer que seja, constituiu-se antes de mais nada de uma narrativa, um discurso que busca sentido num passado remoto, que explique o anormal, o sobrenatural. Ele cerca-se de uma determinada coerência, está cravado no imaginário coletivo e, como fenômeno humano, é simbólico, exprime-se em múltiplos significados. No mundo grego antigo os mitos estavam entrelaçados ao real, intrínseco às esferas sociais da vida humana: a família, a política, a religião, etc. Eram, pois, a afirmação das normas sociais consideradas verdadeiras, inquestionáveis (VERNANT, 2009, p.24).

Dentro desse contexto, os mitos mostram que, para tudo, existe um começo, não se tratando apenas de uma realidade teórica. O homem, necessariamente, precisa reintegrar-se ao momento que determinada coisa foi criada, um tempo primeiro, forte, sagrado. “A integração ao tempo sagrado, opondo-se ao cronológico, permite que o tempo seja algo indefinitivamente recuperável” (BASTAZIN, 2006, p.23).

Assim, o mito pode ser considerado “o primeiro gesto literário do ser humano”, gesto determinante para o nascimento da literatura tal como entendida em nossos dias. É possível perceber que as narrativas míticas se inserem no universo da prática literária dominada pelas manifestações gestadas no imaginário. É um exercício criativo “desenvolvido como a ajuda da imaginação, enquanto prática inventiva e da metáfora, enquanto palavra/imagem, capaz de materializar ou concretizar no corpo da linguagem traços qualitativos do objeto” (OLIVEIRA, 2006, p. 34).

De modo especial, na Amazônia, as lendas se multiplicaram com certa facilidade, favorecidas pela presença do mosaico imenso de culturas e pela presença de busões e fantasmagorias nas florestas. Nota-se ainda que as lendas e os mitos amazônicos apresentam-se classificados segundo o tema que a comunidade pretende ressaltar. Destarte, ao oferecer uma classificação para as lendas da Amazônia recorre ao folclorista J. C. Oliveira, que as dividiu em seis grupos, assim discriminadas: as lendas cosmogônicas, as etiológicas, heróicas, de encantamento, as ornitológicas e as mitológicas (COSTA, 2016).

Com base nessas assertivas faz-se pertinente dizer que o imaginário traz para as histórias culturais a imagem do homem “primitivo”, tornando os mitos partes coadjuvante no processo de elaboração das narrativas, inclusive na transcrição das

mesmas, já que a passagem do vocal para o escrito, tornando-se repleta de confrontações (ZUMTHOR, 2013).

Por isso, é possível afirmar, de acordo com Campbell (1997, p.110), que as personagens míticas resgatam poderes e valores de uma determinada sociedade ou cultura e manifestam-se como “metáforas da potencialidade espiritual do ser humano”. Assim, constata-se que os mitos estão gravados na história, constituindo um suporte importante para o ser humano, dando rumo à vida de seus componentes e, de acordo com a natureza de seus sujeitos, são os orientadores de suas condutas, como também das suas ações frente ao indefinível.

No contexto da realidade brasileira, Cascudo (2012, p.37) afirma que uma das características fundamentais dos mitos é a recordação de nossa história, dos rios, das expedições exploradoras, como as Bandeiras, representando todos os processos humanos de penetração e vitória sobre a distância do território brasileiro. Diante a isso, toda essa representação imaginária da Amazônia acaba sendo conduzida para a literatura para conhecimento de todos desses mitos e lendas que envolvem a muitos com seus mistérios.

Como consequência, a contribuição amazônica voltada ao turismo está ligada aos produtos que são gerados desse imaginário, como contos, lendas e criação de personagens. Todas essas histórias acabam gerando um misto de mistério e de fantasia em diversas pessoas que não conhecem a cultura amazônica. Essas histórias colaboram com o desenvolvimento social e etnológico da região (LOUREIRO, 2011)

O escritor Euclides da Cunha, em *À Margem da História* (1975, p.32), diz que “a Amazônia selvagem sempre teve o dom de impressionar a civilização distante”. Mesmo nos dias atuais. Assim, de acordo com Gonçalves (2011, p.20), a imagem da região continua a ser de uma grande extensão de terras, cujo “principal elemento de identificação é a natureza pujante, praticamente indomável, que a história nos legou intocada”.

Muitos viajantes percorrem aquela região, no sentido literal ou metafórico enveredando por entre o rio e a floresta, o mito e a realidade, a procura do inexplicável. Alguns se empenham em classificar a Amazônia, em obras científicas ou literárias numa tentativa de expressar o que teria sido, ou o que pode ser aquele lugar: uma espécie de reserva ecológica ou uma “invenção poética de todo o mundo” A Amazônia mostra-se um campo germinativo para a emergência do imaginário, possuindo, para quem nela habita, uma função fantástica, pois, o olhar do homem

“não se confina no que vê. O olhar, através do que vê, vê o que não vê”. É nesse universo interior que os mitos e as lendas habitam (LOUREIRO, 2001, p.10).

Nesse sentido, Gondim (2014) expressa que, no livro de Doyle, o autor conta, pela ação das personagens, as maravilhas acenadas pelos viajantes, na Amazônia, assim como as teorias fantásticas, os perigos enfrentados, a angústia, o medo, as descobertas extraordinárias. O caráter das personagens é baseado na personalidade, no comportamento, nas observações, nos pontos de vista impressos em relatos de viagem, de uma terra mística. A inteligência privilegiada de *Chancellor* deixa-se guiar pela lenda do Curupira, pois para ele que era um homem científico, “algo de muito espantoso havia por aquelas bandas temidas pelos índios, morada do espírito da floresta”. A personagem deixa então “de utilizar a bússola” e, “permite que um dos cucamas chefie a expedição para o desconhecido” (p. 31).

Assim foi construída a primeira imagem da Região Amazônica, com narrativas míticas resultantes da informação de um modo de vida e de uma comunicação cotidiana entre homem e natureza. A mata, os rios, os animais, vertidos em mitos e em lendas revelam-se, pertencentes a uma idade primava, em um tempo cósmico no qual tudo brota como nas originárias fontes da criação. Como se o imaginário fosse um museu de imagens passadas, produzidas e a serem produzidas, nas suas mais diferentes modalidades pelo homo sapiens (DURAND, 1997).

Dentro dessa vertente, as sociedades indígenas sempre mantiveram uma forte conexão com o meio em que habitam por isso as tradições indígenas são ricas no que se refere à produção cultural. Para Mussi (2014), os indígenas criaram mitos para contar suas histórias e o que sentiam, pois, o mito é uma linguagem essencialmente simbólica originada da cultura específica de cada sociedade dentro de seus conceitos culturais, levando-os a uma reflexão de como foi o passado da sociedade em questão, de como ela é no presente e como pode ser no futuro.

Segundo Ribeiro (1976) a mitologia indígena sempre foi riquíssima com detalhes que os remetia a criação de seu povo, com referências aos animais, em muitos casos não fazendo uma diferenciação entre o modo de vida dos humanos e dos animais, sendo que eles chegam até mesmo a se casarem. Outra recorrência nos mitos são o sol e a lua que em determinados casos quase chegam a se tocar, homens que viram animais e animais que viram homens, e como foi que surgiu cada alimento e como passaram a cultivá-los.

Para Silva (1995), em algumas sociedades indígenas os mitos determinam

como deve ser a organização social e incluindo a transmissão dos nomes pessoais, estabelecendo as categorias sociais geram regras próprias que podem ser dadas ao casamento. Tais determinações provocam questionamentos que incitam reflexões que levam a uma nova versão do mito em questão.

Para Borgonha (2006), ao transmitir suas tradições fazendo uso da mitologia os indígenas vão recriando os acontecimentos e, portanto, o mito vai se transformando e ganhando novas características, pois do contrário ele perderia o seu significado tornando-se apenas recordações e não memórias de um povo. Estas por sua vez, são narrativas e alusões vivas do passado que influencia o presente e, sobretudo o futuro das sociedades indígenas, é contado de forma temporal recorrendo muitas vezes a nomes de pessoas e lugares tanto do presente quanto do passado criando assim uma sequência narrativa.

Ainda conforme o mesmo autor, reflete-se que para que não se forme a ideia errônea de que as sociedades indígenas são um povo sem história é preciso compreender a cultura indígena, sua língua, crença, seu sistema social e econômico, principalmente procurar entender o papel que o indígena teve e tem em nossa sociedade e em nossa história e compreender que eles não são um povo voltado somente para o seu lado místico que nega o fluxo da história reconhecendo apenas os processos de recomposição. Assim, os mesmos aprenderam a fazer uso de sua mitologia para resguardar as suas tradições recriando-as ao transmiti-las preservando assim a sua identidade cultural, sendo que alguns povos passaram a escrever suas histórias e publicá-las em jornais e obras científicas.

Assim, por meio da linguagem vocalizada, o homem realiza uma conexão entre o universo racional e o mundo sensível da natureza, daí as narrativas míticas estruturarem-se pelo verossímil, este dado é a mediação que sincroniza o discurso real e o imaginado. A Amazônia, com seus mitos, suas invenções no âmbito da visualidade, assim como, suas produções artísticas e culturais são verdades de crença coletiva, são objetos estéticos com legitimidade social, e seus significados enfatizam a poetização da cultura da qual emergem.(LOUREIRO, 2001).

A Amazônia possui um potente universo simbólico, pois inúmeros são os mitos que povoam as encantarias amazônicas. De acordo com Loureiro (2001, p.12), as encantarias seriam “uma espécie de limbo”, lugar em que a variada teogonia amazônica estaria reunida, daí a denominação “encantados” para os seres daregião. Essa moradia mítica estaria localizada, acima das nuvens e abaixo do céu, bem como,

nos rios e matas da Amazônia. De acordo com a lógica do mito é incomensurável frente às novas concepções de verdade empírica ou científica, visto que os mitos de uma sociedade adquirem um valor documental e, não podem ser desconhecidos ou renegados pelas ciências da razão (CASSIRER, 1977).

Assim, o caboclo-ribeirinho, integrado ao meio de caça e pesca, segue as vozes de uma natureza de grandes proporções, exigindo-lhes criatividade. Suas crenças, originárias no imaginário, exteriorizam-se “em circunstâncias de fala e pensamento imagético” Para quem ouve suas narrativas oralizadas, a Amazônia é percebida como “*una magnífica construcción discursiva*” (JOBIM, 2005, p.146).

A mitologia na vida amazônica aparece como algo natural, levada pela imaginação, tornando possível, o impossível; natural, o sobrenatural. Trata-se “de um estado poético que evoca o devaneio, a livre expressão do imaginário”. Muitos viajantes percorrem aquela região, no sentido literal ou metafórico enveredando por entre o rio e a floresta, o mito e a realidade, a procura do inexplicável. Alguns se empenham em classificar a Amazônia, em obras científicas ou literárias numa tentativa de expressar p que teria sido, ou o que pode se aquele lugar: uma espécie de reserva ecológica ou uma “invenção poética de todo o mundo” (LOUREIRO, 2001, p.10).

A Amazônia mostra-se um campo germinativo para a emersão do imaginário, possuindo, para quem nela habita, uma função fantástica, pois o olhar do homem “não se confina no que vê. O olhar, através, do que vê, vê o que não vê. É nesse universo interior que os mitos e as lendas habitam (LOUREIRO, 2001, p.14).

Com isso, Câmara Cascudo (2012) diz que, na Amazônia, a facilidade com que o ribeirinho e o indígena ouvem e transmitem, “qualquer história, multiplica o mundo fantástico, alargando as fronteiras móveis da imaginação criadora”. O mito inscrito, no processo de formação da cultura daquela região é um elemento fundamental para compreender o imaginário que se materializa e dá vida a um mundo que vai além daquele que é visto e identificado na linguagem poética que, na Amazônia, flui como as águas.

2.3 OS MITOS REGIONAIS

Na Amazônia, é possível perceber dois espaços sociais tradicionais da cultura, cada qual apresentando características definidas, o espaço da cultura urbana e o da

cultura rural. A cultura urbana se expressa na vida das cidades, sobretudo, nas principais capitais dos estados da região. Segundo nesses lugares, as trocas simbólicas com outras culturas processam-se com mais intensidade, pela velocidade das mudanças, pelas escolas estruturadas, pelo acesso às artes, bem como, pelo “dinamismo próprio das universidades”. Todavia no âmbito rural, o mesmo autor assinala que a cultura mantém sua expressão tradicional, ligada à conservação de valores e crenças, num “ambiente onde predomina a transmissão oralizada” e se “apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural” (LOUREIRO, 2001, p. 66).

Assim, a cultura rural ou interiorana da Amazônia, de predominância cabocla, revela-se como a mais representativa da cultura amazônica, seja em relação aos traços de originalidade, “seja como produto de acumulação de experiências sociais e da criatividade dos seus habitantes”. Nela é possível se perceber as raízes indígenas peculiares a sua origem refletida em nossos dias. Entretanto, faz-se necessário dizer que a cultura cabocla se reflete no mundo urbano. Ambas se interpenetram mutuamente, “embora as motivações criadoras de cada qual sejam relativamente distintas” (LOUREIRO, 2001, p. 99).

Portanto, Cascudo (2012, p.17), ainda assevera que nenhum mito, “escapou à influência contagiante do elemento nordestino, o grande desbravador das matas, descobridor de rios e vencedor de assombrações”. O nordestino ao migrar para ela, fugindo da seca braba, traz na bagagem, além dos braços para o trabalho, o imaginário repleto de fantasmas. Semeia-os, modifica-os, amplia-os e “sacode para mil memórias sedentas”, os seres estranhos, poderosos e terríveis que ele ajudou a personificar. Segundo o autor, o Nordeste, sobretudo, os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, exportaram milhares de cidadãos e a “compensação ideal de mandar com seus filhos, seus mitos.

Assim torna-se possível perceber que, desde o descobrimento do Brasil, quando exploradores ou navegadores, em suas viagens científicas, trouxeram novos símbolos religiosos, morais e culturais às populações nativas, a história cultural da Amazônia tem sido palco de imagens e signos conflitantes. Certos processos sociais concorreram também para reforçar o fértil manancial do imaginário ou foram por ele sustentados. No processo de assimilação cultural europeia, justaposta à base cultural indígena, os grupos provenientes de outras sociedades, reestruturaram as crenças da região, com “a formação de uma nova etnia resultante da miscigenação do índio com

o branco” (LOUREIRO, 2001,p. 47).

Entretanto, “todos esses elementos concorreram para um processo comparativo depreciador da cultura local”, percebida nas primeiras décadas do século XX apenas como folclórica, época em que o folclore era visto como algo lúdico. No entanto, considera-se que o folclore é uma das manifestações mais ricas da cultura popular. “As músicas, as danças, as comidas típicas, os mitos, dão uma ideia perfeita da magia amazônica e da força vibrante das raízes culturais do homem da região”. Com isso, os mitos e as lendas da região constituem um patrimônio relevante para qualquer cultura. Através dessa malha de simbologias, autores nascidos na Amazônia, ou os que a visitam têm encontrado uma extraordinária provocação temática (COSTA, 2016, p. 38).

Desse modo, Costa (2016, p.78) assinala que o *corpus mithorum* da Amazônia oferece variadas possibilidades de reflexão, já que é “formado por mitos, lendas, contos, crenças, etc”, e que os mesmos surgem como uma das formas de expressar a cosmovisão daquele espaço. A cosmovisão, segundo o autor, é parte do sistema de ideias que incluem crenças, assim como, o lugar do homem na natureza e na sociedade. Assim, os mitos e as lendas gestadas no imaginário do homem da Amazônia codificam a sua visão da realidade, transmitindo-a ao longo dos tempos. “Cosmovisão é aceita pelas pessoas como parte integral dos conhecimentos e valores que aprendem desde a sua infância, na imunidade”.

De acordo com Loureiro (2001), no Amazonas também existe o mito de existir uma cidade encantada onde existe vários personagens locais denominados de “cobra grande”, “Maria Caninãna” que são figuras mitológicas, junto do mito das denominadas “encantarias” que seriam uma “espécie de limbo”, lugar em que a variada teogonia amazônica estaria reunida, daí a denominação “encantados” para os seres da região. Nesse meio está inserida a lenda do boto encantador de moças. Essa moradia mítica estaria localizada acima das nuvens, abaixo do céu, bem como, nos rios e matas da Amazônia.

Outra colaboração do mito para a construção do imaginário está relacionada ao mito da Cobra Norato, que por sua vez, advém da história lendária de uma cobra gigante que sustenta todo o centro da cidade de Manaus sobre seu corpo. Esse imaginário envolve as aventuras de um rapaz, que ao tentar matar uma serpente encantada acaba entrando na pele do monstro assustador, passando a ser a própria cobra e sua aventura é ir atrás de sua amada para se casar, que é a filha da Rainha

Luzia (LOUREIRO, 2001).

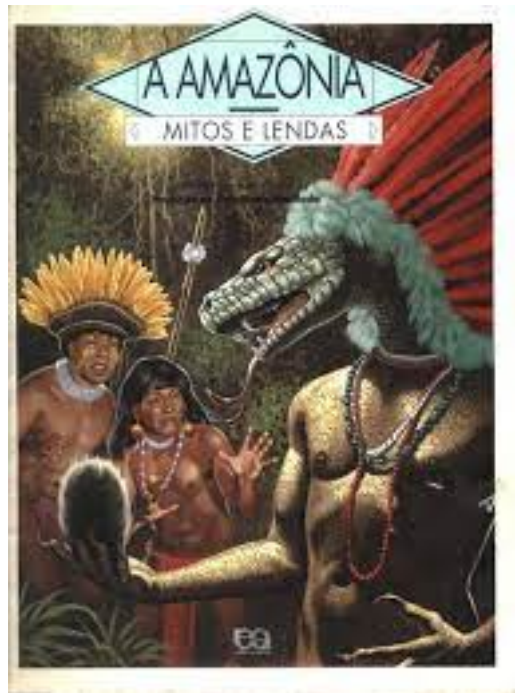
Assim, Neves (2011, p.18) afirma que a literatura local contribui com a divulgação desse imaginário adquirido através de contos, que “a literatura amazônica traduz o espírito de um homem tão imbricado ao mundo natural”. Dessa mesma maneira, Fares (2004, p.05) afirma que o imaginário foi explorado pelos autores locais, pois falar da região, de uma maneira competente e bela, não é somente “uma virtude exclusiva dos nativos”.

No Amazonas, pode-se afirmar que o caboclo, no seu dia a dia, valoriza o imaginário construído, composto de representações e passa-se a vivenciar as imagens primordiais para a cultura local. Para o ribeirinho, o imaginário é composto de força própria, tornando-se capaz de ultrapassar o campo das ruínas das memórias. Ao se visualizar em meio a um ambiente paisagístico e composto de crenças sobrenaturais, o homem morador das margens dos rios e pertencente às matas da Amazônia perpetuam esse imaginário e repassam a todos que visitam a região e vão mantendo essa visão durante toda a sua vida, perpetuando suas crenças e mitos regionais (LOUREIRO, 2001).

Em diversos momentos, os mitos Amazônicos trazem consigo também um cunho romântico, como o do Tamba-Tajá, que é considerada uma planta nascida dentro da cova de um índio e de uma índia macuxi que se amaram intensamente. Outra representação do amor está junto com o boto encantado, que por sua vez, sai das águas e toma uma forma humana para conquistar diversas mulheres, podendo inclusive ser uma figura feminina, mas agora com o nome de Yara, que atrai os jovens para suas águas e tem um misto de amor com morte (LOUREIRO, 2001).

Dentro desse contexto, as plantas possuem toda uma representatividade dentro do imaginário amazônico, por representar em diversos momentos nas lendas uma espécie de amuleto para diversas tribos indígenas locais, como se fosse também um símbolo de conquista e fidelidade amorosa. Vitória Régia e outras plantas amazônicas trazem consigo toda uma representatividade advinda do imaginário local que acaba sendo compartilhada com os viajantes que visitam o Amazonas (CASCUDO, 2012). Os mitos podem ser uma reprodução do imaginário local, como pode-se observar na Figura 3, abaixo:

Figura 3 – Mitos amazônicos



Fonte: Kuss e Torton, 2005.

Por outro lado, Cascudo (2012) explica que o mito da Yara é resultado da cultura europeia. Esse mito envolve a aventura de um ser que habita em um palácio que existe no fundo dos rios. Assim, na Amazônia, por ter uma presença constante de rios que cortam todas as matas, a criação do mito de figuras aquáticas é constante e intensa. A Yara, no Amazonas, também é conhecida como Mãe d'água, considerada a dona dos rios e de todos os igarapés. Existe também a presença mitológica da Boiúna (Cobra Grande), sendo este mito famoso na região Norte do país. Essa cobra é conhecida por sua fama de devorar pessoas na região, através do mito de que aparece para as embarcações e devora todos os tripulantes.

Barros (2005) ressalta que a figura da Cobra Grande é uma representação dos perigos que o ambiente fluvial traz para o caboclo amazônico, como o rio sendo uma grande cobra grande que engole e devora grandes embarcações, sendo um verdadeiro perigo líquido para diversos barcos locais que viram no meio do Rio Negro ou Rio Amazonas. A cobra “devoradora” guarda em seu ventre o que devora, sendo o rio de escamas, que traz essa imagem de devorador porque não é liso. Os mitos amazônicos como este, apresentam um paradoxo entre poder e impotência em diversas situações, sendo os perigos locais explicados pelo lendário e mitológico. Interpreta-se o navio como a vulnerabilidade do homem frente às forças da natureza (cobra grande) (Figura 4).

Por outro lado, de forma parecida a Boiúna está voltada para uma cobra que transmite mais pavor e temor nos rios da Amazônia, pois ao contrário da cobra grande que vira embarcações, a Boiúna é conhecida pelo seu mito de derrubar tudo que ver pela frente, como matas, terras, palafitas, barcos e canoas, trazendo consigo grande destruição e várias mortes. O imaginário aponta que essa figura fala que aparece no meio do rio como um navio iluminado e silencioso trazendo encantamento e morte para os que observam. Pode trazer consigo um poder de paralisar animais e ao mesmo tempo de devorar o que encontrar pelo caminho (LOUREIRO, 2001).

Figura 4 – Mito da Cobra Grande



Fonte: Ricon, 2017.

Dessa maneira, a composição desses mitos resgata as figuras amazônicas e trazem a singularidade do falar caboclo nas suas características. De acordo com Barros (2005) quando se analisa a construção desses mitos pode-se observar a presença forte dos elementos da natureza, que por sua vez marcam o ambiente e uma definição do espaço, como nos casos de tensão impostas pela cobra Boiúna, que traz consigo o temor pela rapidez como o espaço pode se alterar com os fenômenos que acontecem na região Amazônica.

Outro mito relevante para a região é o da Yacumama, que é retratado como uma enorme fera que habita as profundezas dos rios, sendo descrita por quem reproduz o imaginário como um monstro que tem a cabeça do tamanho de uma sala

de três metros. No entanto, esse mito também traz consigo uma representatividade, pois uma característica relevante desse monstro é que protege as crianças (D'ANGELO; PEREIRA, 2007). Entende-se que, assim como a mãe d'água protege os rios e igarapés, essa outra figura também tem o seu efeito de proteção às crianças e outras figuras dos mitos reproduzidos possuem sua função em manter a ordem da natureza, proteção à fauna e flora, bem como às crianças.

Outra figura que faz parte do mito regional é o Curupira, mesmo fazendo parte do folclore brasileiro, o Curupira traz consigo a história de uma figura que protege a floresta e tenta punir os que prejudicam a flora e a fauna, principalmente os que se encontram em extinção. Para Cascudo (2012), esta criatura é considerada pelos ribeirinhos e caboclos como protetoras da floresta amazônica, sendo conhecidas no imaginário local como a principal causa dos desaparecimentos de caçadores, bem como a facilidade destes de se perderem dentro da floresta, causando pavor e desespero nestes.

Dessa forma, todas as histórias voltadas para esse imaginário da região amazônica possuem um misto de mistério e tem em suas histórias um começo fabuloso, como no caso da Amazônia, que apresenta um cenário entre o real e o sobrenatural, entre indivíduos e seres sobrenaturais que habitam as águas e a floresta, dentro de suas realidades cotidianas (LOUREIRO, 2001).

Com isso, os mitos amazônicos acabam trazendo consigo características importantes do ambiente, como o silêncio, mistério, recursos naturais como rios e igarapés, florestas e seres que habitam a cidade encantada do Rio Amazonas. O cenário do silêncio também ecoou o local, trazendo todo um mistério que muitas vezes é maior para os que não habitam na região (GONÇALVES, 2011, p.22).

Assim, este capítulo permite com que haja uma melhor compreensão da construção do imaginário dos turistas que possuem interesse de visitar o Amazonas e a capital de Manaus, devido os mitos que foram sendo construídos no decorrer da história da capital e do Estado que impactam na forma como os turistas veem a cidade e pode colaborar para o interesse pelos pacotes turísticos que retratam essas histórias locais e pelas belezas naturais que envolvem a região. Esse conhecimento colabora para o entendimento do próximo capítulo que trata sobre a atuação do turismólogo utilizando-se desses mitos para envolver os potenciais clientes a aderirem pacotes turísticos ou adquirirem passagens aéreas para visitarem a cidade de Manaus.

CAPÍTULO III – PRINCIPAIS PONTOS TURÍSTICOS EM MANAUS E A ATUAÇÃO DO TURISMÓLOGO

3.1 CIDADE DE MANAUS: SEU LEGADO HISTÓRICO E O TURISMO

A história de Manaus (Figura 5) passou a fazer parte de alguns registros somente depois da chegada dos europeus, em meados dos anos 1669, que nesse mesmo período, deu-se início ao núcleo urbano chamado de Forte de São José da Barra do Rio Negro, distando aproximadamente três léguas do encontro das águas do Rio Negro e Solimões, que se tornou o principal cartão postal da cidade nessa época (MOTA, 2018).

De acordo com Mota (2018), a cidade surgiu como uma pequena aldeia denominada de Lugar da Barra do Rio Negro até obter o nome de Vila de Manaós. Esta grafia do nome ficou pertencendo à cidade até o ano de 1856, quando Álvaro Maia, então governador, decretou que o nome da cidade passaria a obter a grafia de Manaus.

Após essas primeiras mudanças na cidade, deu-se início a uma grande trajetória de estruturação urbana e melhorias, e é possível observar o quanto a cidade passou por profundas alterações para chegar ao que se encontra atualmente. Essas mudanças por sua vez, ofereceram à cidade uma relevância cultura, política, social e ambiental. Para Cardoso (2014) afirma que no ano de 2008, a cidade de Manaus foi citada em *World Cities Study Group and Network (GAWC)*, no Reino Unido, incluída na lista de cidades classificadas conforme suas economias, acontecimentos envolvendo a políticos e patrimônios.

Figura 5 – Manaus antiga e Manaus atual



Fonte: Guilherme, 2009.

Conforme descreve Barbosa (2013) o crescimento da cidade de Manaus veio do ciclo da borracha que se iniciou entre os anos de 1870 até 1912. Esse ciclo se baseava na extração do látex. Contudo, quando passou esse período econômico da extração da borracha, a cidade ficou paralisada economicamente durante sessenta anos. Somente por volta do ano de 1967 que foram surgindo, através do Governo Brasileiro, novas políticas econômicas que envolvesse toda a Amazônia, como no caso a criação da Zona Franca de Manaus, que constava nela o plano de desenvolvimento econômico da região, com isso tornou-se a cidade mais desenvolvida por causa do novo ciclo econômico que deu início.

Seráfico e Seráfico (2012), descreve dentro desse contexto que:

A criação da Zona Franca de Manaus foi justificada pela ditadura militar com a necessidade de se ocupar uma região despovoada. Era necessário, portanto, dotar a região de “condições de meios de vida” e infraestrutura que atraíssem para ela a força de trabalho e o capital, nacional e estrangeiro, vistos como imprescindíveis para a dinamização das forças produtivas locais, objetivando instaurar na região condições de “rentabilidade econômica global”. De fato, sua criação e desenvolvimento sempre estiveram atrelados a circunstâncias políticas econômicas locais, nacionais e mundiais.

Sendo assim, a cidade de Manaus, através da Zona Franca de Manaus (ZFM) se tornou o polo industrial da zona norte que trouxe vários empregos e melhorou a economia local, trazendo uma rentabilidade melhor para o local além da agricultura, pesca e comércio local. As indústrias que fazem parte da ZFM colaboram com a economia da cidade e com isso, a tecnologia passou também a fazer parte do Amazonas. Devido a isso, o imaginário de que a capital de Manaus é um local cercado de índios e que não há acesso a tecnologia e que, por isso, turistas podem optar outros locais para visitar precisa ser esclarecido para todo o país e para o mundo de que a cidade está em constante desenvolvimento.

Por isso, Siroen et al., (2014) afirma que a Zona Franca de Manaus possui cerca de 80% de participação do Produto Interno Bruto – PIB do Amazonas e que por sua vez, incluem tanto as indústrias de ponta com a geração de conhecimentos quanto montagem com uso de mão de obra barata.

Com base nisso, Malveira (2011) afirma que 1ª fase desse tipo de economia trouxe investimentos e novas tecnologias para a região para que as indústrias

pudessem produzir de forma eficiente. Esse tipo de economia também proporcionou o desenvolvimento do setor terciário voltado para o turismo.

3.2 O TURISMO NA CIDADE DE MANAUS

Todo o percurso que foi atravessado ao longo dos anos na cidade de Manaus, deixou traços arquitetônicos ao qual foram sendo consolidados e considerados como patrimônio cultural, que posteriormente se tornou um atrativo na cidade para diversos visitantes ou turistas. Nessa relação de patrimônios históricos destaca-se os prédios que foram construídos no tempo áureo da borracha, que possuem um misto de diversidade cultural como elementos que colaboram com o turismo na cidade de Manaus.

Dessa maneira, Monteiro e Albuquerque (2012) afirmam que demorou anos para que fossem realizadas expansões das atividades turísticas no Brasil em que pudessem ser incluídas todas as partes do país. Anteriormente, o turismo era presente somente em algumas regiões que tinham infraestrutura ou alguns produtos turísticos para oferecer para os turistas dentro de destinos pré-estabelecidos, concentrados apenas em cidades com uma quantidade populacional bem superior como cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades pertencentes ao sul do país.

Figura 6 – Vista aérea da cidade de Manaus



Fonte: Iamasaki, 2017.

Fonseca (2012) afirma que o Amazonas possui uma estrutura voltada para o desenvolvimento do turismo em contato com a natureza e voltada para o ecoturismo com hotéis ecológicos e hotéis de selvas, barcos ecológicos, roteiros realizados através de trilhas. Assim, Elísio (2012) afirma que a cidade de Manaus possui foco em três focos principais:

- Viagens pelo rio, explorando a riqueza das águas e visitando a floresta em seu redor. Para isso existem passeios com hospedagens nos navios;
- Hospedagem em hotéis nas matas e/ou nas beiras do rio, com focos em passeios para conhecer a fauna e flora, mas sempre voltando a base no hotel;
- Conhecimento do centro histórico de Manaus com visitas e passeios mais curtos para o encontro das águas, visita às vegetações típicas da região.

Com isso, esses três focos podem ser desenvolvidos para atrair cada vez mais o turismo para a região, pois a natureza junto com os patrimônios históricos faz parte de um contraste atraente para o turismo nacional e internacional, pois a forma como foi vivenciado o tempo áureo junto os mitos e imaginários locais também colaboram para o aumento da curiosidade e da atratividade referente ao turismo local.

3.2 CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS

A cidade de Manaus começou o seu desenvolvimento com o que é considerado como Centro Histórico que por sua vez causa admiração em todos os visitantes à cidade por trazer consigo traços de uma época colonial onde a principal economia girava em todo da exploração do látex. Esses prédios históricos que são mantidos desde essa época são atrativos no centro da cidade de Manaus e se torna atrativo de diversos turistas internacionais e nacionais pois traz ao conhecimento o momento de transição de desenvolvimento econômico (OLIVEIRA; GUIMARÃES; MAIA, 2020).

Com base nisso, a avenida sete de setembro é uma das principais vias que dá acesso ao Centro Histórico e possui consigo vários atrativos, bem como serviços disponíveis para os que visitam o centro da Cidade de Manaus e possui também equipamentos de ofertas turísticas. O seu início encontra-se onde é o Sítio Histórico da cidade, que fica no centro antigo, que por muitos é considerado como o ponto de início da cidade, já que os principais marcos de surgimento da evolução e desenvolvimento da cidade surgiram nesse marco (GUIMARÃES, 2012).

Nesse mesmo local de início possuem eventos que podem incrementar a visão

do centro histórico, como a Feira do Paço (Figura 7) que oferece uma comercialização voltada para o artesanato local, bem como outros serviços como gastronômico que se inicia no horário de início da tarde indo até o horário da noite. Existe também outra feira que ocorre em outro momento, que é pré-divulgada pela prefeitura local, denominada de Feira Gastronômica do Passo a Paço (OLIVEIRA; GUIMARÃES; MAIA, 2020).

Figura 7 - Feira Passo a Paço no Centro Histórico de Manaus



Fonte: BNC, 2017.

3.3 BOSQUE DA CIÊNCIA

O Bosque da Ciência (Figura 8) foi inaugurado no ano de 1995 e é uma instituição de pesquisa da Amazônia que possui na sua estrutura uma parte da fauna e da flora amazônica dentro da zona urbana da cidade de Manaus. Esse bosque possui uma área de aproximadamente 13 hectares de floresta nativa, possui com isso trilhas, lagos e muitos animais silvestres da fauna amazônica (LEAL; SOUZA; FACHIN-TERÁN, 2014).

Assim, o contato com os animais silvestres da região amazônica permite com que o visitante possua uma aprendizagem contínua e uma construção de

conhecimento em contato com outras espécies e sobre sua forma de vida, permitindo-se que esse conhecimento possa ser adquirido tanto no espaço formal quanto informal, fazendo com que o visitante tenha contato com o conhecimento científico e o real (OLIVEIRA et al.,2013).

Figura 8 – Bosque da Ciência



Fonte: Santos, 2014.

O Bosque possui ambientes internos que podem gerar interesse e respondem a diversas curiosidades dos visitantes voltadas para a flora e fauna local. Como a chamada Ilha Tanimbuca, Trilha Suspensa, Casa da Madeira, Abraço da Morte, Viveiros dos Jacarés e o Lago do Poraquê. Como descreve Leal, Souza e Fachin – Terán (2014, p.3):

Ilha Tanimbuca: Este espaço abriga uma árvore centenária nativa da Amazônia, a Tanimbuca (*buchanaveahuberii*) ao redor desta bonita árvore foi possível perceber um lago contendo vários exemplares de içá e de carás. Neste lugar é possível caminhar por uma passarela pavimentada ou mesmo por dentro da ilha por trilhas de seixo. Completando a ilha há uma maloca com artesanatos indígenas de nossa região prontos para a comercialização.

Trilha Suspensa: Esta trilha sem dúvidas é um dos pontos importantes no bosque, pois possibilita um passeio em certos momentos nas copas das árvores o que permite ver a natureza de outra perspectiva. É também uma ligação da Ilha de Tanimbuca com o Lago Amazônico [...].

Casa da Madeira: Chama atenção no Bosque uma casa feita com madeiras típicas da Região Amazônica. Totalmente pintada em verniz que ressalta a sua beleza, uma construção que dispensa a utilização de pregos e usa apenas o encaixe das peças, permitindo total segurança. Este local é utilizado para vendas de lembranças amazônicas, além de perceber a estrutura da casa.

Condomínio das Abelhas: Durante a descida por uma das trilhas o visitante há de encontrar diversas caixas de abelhas dispersas ao redor da trilha. Cada caixa com seu grupo de espécie, como por exemplo, abelha Jupará, a Pé de pau, a urucu boca de renda entre outras. Certamente além de produzir o mel no bosque estas abelhas ajudam na dispersão das sementes provocando a continuidade e ou aumento das plantas.

Lago Amazônico: Espaço destinado ao habitat natural dos tracajás, com placas informativas de sua fonte de alimentação, suas características e sua posição no ecossistema. Há também um observatório usado pelos visitantes para apreciar o comportamento das mesmas. Ao redor deste lago há canoas, não foi possível perceber se as mesmas podem ser utilizadas pelos visitantes. O lago possui boa extensão e está situado na parte de baixo do bosque, recebe toda a água da chuva que é direcionada para o mesmo. Ao redor do lago há várias árvores de bambu.

Abraço da Morte: É a demonstração de uma competição entre uma palmeira e um apuízeiro, sendo essa segunda uma árvore parasita, ela se aproveita da primeira para sobreviver e em decorrência disso, ela acaba matando sua hospedeira.

Viveiros dos Jacarés: Um lago onde se encontram diferentes espécies de jacarés: o Tinga, espécie que possui a pálpebra fortemente enrugada, tem íris esverdeadas, focinhos estreitos, mas cumprido; o jacaré Açú, tem corpo negro com manchas amarelas na parte ventral; e o jacaré Pedra, é considerado o segundo menor crocodilo do mundo, tem hábito noturno e solitário, costuma habitar áreas de água frias e rápidas.

Lago do Poraquê: É um lago que apresenta o peixe *electrophorus electricus*, chamado popularmente de Poraquê. Ele tem coloração escura, olhos pequenos, corpo alongado e cilíndrico, destituído de escama e chega atingir até dois metros. É conhecido pela sua enorme capacidade de gerar uma descarga elétrica de forte potência que o permite o reconhecimento da área ao seu redor e atordoar suas presas.

O Bosque da Ciência possui atrativos que fazem com que os turistas nacionais e internacionais tenham boas experiências em contato com o conhecimento científico. Isso porque o espaço oferece diversas sensações através do contato com a natureza oferecendo ao visitante a oportunidade de conhecer sobre a flora local e ver a importância da preservação da floresta amazônica (CHASSOT, 2011).

3.4 TEATRO AMAZONAS

O Teatro Amazonas (Figura 9) é considerado como o principal cartão postal de Manaus e do Amazonas, por ser um símbolo de transição entre o período colonial e a

modernidade da região Amazônica. Esse teatro obteve um objetivo no período que foi construído, em Manaus, na metade do século XIX. Nesse período as apresentações eram incomuns no local e toda a população manauara era composta de famílias nobres holandesas e portuguesas, por isso há uma mistura de culturas e festas tanto indígenas quanto estrangeiras nas festas regionais. As vidas dos moradores seguiam no ritmo do trabalho voltado para a exploração da borracha e para isso foram feitas construções de prédios para oferecer um certo conforto para a considerada “Elite” que eram os barões da borracha, os empresários que vieram até Manaus para fazer com que mão de obra trabalhasse na extração do látex e com isso construíssem mais riquezas através das espécies locais. Um periódico da época descrevia exatamente como era o dia a dia da população manauara que viviam dessa economia, como relatada na *Estrella do Amazonas* (1860, s.p.):

O relógio das cidades é o sino que do alto da torre diz quanto o povo deve despertar e lhe anunciar a hora do repouso e do silêncio. [...] O sol é o relógio do pobre e de todos, [...] é o relógio sem ponteiro e sem cordas que trabalham sempre, e que anda só porque Deus o colocou no espaço [...] A natureza toda é um relógio, que marca a queda dos impérios, a morte das gerações [...]. O relógio do organismo é o coração, onde o sangue marca o movimento da vida.

A estrutura física do Teatro possui detalhes europeus, e não vieram apenas profissionais desse continente, mas também os principais materiais para a construção desse prédio considerado hoje com maior símbolo arquitetônico do Estado. Os mármore de Carrara, Lustres de Murano, as peças de ferro da Inglaterra e telhas da França tiveram o seu toque final com a decoração final interna pelo arquiteto chamado Crispim do Amaral. Com exceção do Salão Nobre que teve a sua entrega realizada pelo artista italiano Domenico de Angelis. Nesse salão eram realizados os bailes ou encontros entre os barões durante os espetáculos teatrais (FILHO, 2017).

De acordo ainda com Filho (2017), na parte inteira do Salão Nobre também possuem nas paredes e no teto uma retratação das belezas naturais, retratando também a evolução econômica como o passado com o barco a vapor e uma obra impactante, que é imagens do romance “ O Guarani”, mostrando Peri salvando Ceci, do autor José de Alencar.

Figura 9 – Visão aérea do Teatro Amazonas



Fonte: Filho (2017).

Conforme discrimina Souza (1979) a criação de um Teatro, como o Teatro Amazonas possui consigo uma motivação curiosa devido ser um símbolo da classe dominante no tempo áureo da borracha, por isso foi construído de forma luxuosa, sendo uma obra monumental para que pudesse abrigar as famílias nobres que geriam as grandes riquezas advindas do comércio internacional do látex, em meados de 1881. A sua construção veio através da aprovação e assinatura da Lei 546, de 31 de dezembro de 1881, e foi inaugurada com a obra denominada “Gioconda” pelo maestro Joaquim Franco, sendo a primeira estação lírica a ser apresentado no recém construído, na época, Teatro Amazonas.

Conforme ressalta Araújo (2018, p. 29) Teatro Amazonas era o símbolo do poder e da riqueza da economia da época:

Na veneração ao Teatro Amazonas, reuniam-se em seu palco os sonhos de refinamentos e cultura de uma sociedade dependente, colonizadas pelos costumes europeus. A arte teatral, então, ao ser confundida com a arquitetura, transformou-se numa manifestação da soberba dos magnatas do látex. Sem nunca firma uma dramaturgia representativa. É que a ostentação econômica e cultural colonizada podia comprar tudo, desde os dispendiosos projetos dos escritórios de arquiteturas, as companhias líricas estrangeiras e até uma plateia. Mas não podia comprar talento. Com uma cultura medíocre e burocrática, a capital amazonense acabaria centralizando e afogando a arte teatral dos reflexos e manifestações de sua estrutura de classe, fazendo do teatro um acontecimento da alta sociedade.

Esse teatro possui eventos importantes durante o ano todo, um dos mais relevantes é o festival de teatro da Amazônia, que por sua vez teve a sua primeira edição no ano de 2004, que foi um momento marcante para a cidade de Manaus. Esse evento foi criado para gerar mais desenvolvimento artístico e cultural do Estado do Amazonas. O mais relevante nesse evento não é somente as suas apresentações artísticas, mas o seu intercâmbio cultural que envolve os turistas e a cultura artística local. Lima (2016, p.23) descreve esse evento da seguinte maneira:

Um marco importante é o Festival de Teatro da Amazônia (FTA), uma criação da gestão de Nonato Tavares, eleito para o biênio 2003 e 2004. A organização aconteceu em um congresso que contou com a participação de todos os grupos em atividade naquele momento. Foi, assim, a partir de um evento que já existia sob o título de “expressão cênica” que a diretora iniciou as discussões com a pretensão de reunir os teatros de Manaus de Manaus e do interior. Após muitos contatos com Tefé, Itacoatiara, Manacapuru e outros, somente Itacoatiara na pessoa de Bosco Borges (representante do município na diretoria da federação) fez parte nesse primeiro momento.

Outros festivais também fazem parte dos eventos que acontecem envolvendo o Teatro Amazônico como o Festival de Ópera e o de Filme que traz inclusive atores internacionais para a cidade, aumentando o turismo nessa época. Conforme Figura 10, abaixo:

Figura 10 - Festival de Ópera



Fonte: Lima, 2016.

3.5 ATUAÇÃO DO TURISMÓLOGO NO TURISMO DA CIDADE DE MANAUS

O campo do turismo é composto por várias possibilidades de atuação do turismólogo, principalmente voltado para as necessidades sociais de um determinado lugar. Nesse contexto, o turismólogo está envolvido em uma gama de diversidades de tipos de influência e voltado para o conhecimento que é produzido a partir de diversas áreas (BOTOMÉ, 2018).

Diante disso, o turismólogo profissional, sendo graduado no curso de Turismo se preocupa com as mudanças que ocorrem no local ou cidade de onde faz parte ou está inserido, levando em consideração o mercado de trabalho, a estrutura, bem como o campo tecnológico. Assim, para atuar na cidade de Manaus, o turismólogo precisa conhecer de forma aprofundada os principais pontos, informações importantes sobre as sazonalidades referentes às procuras, que podem se tornar relevantes para atender as expectativas dos turistas.

Dessa forma, para que este profissional consiga construir um imaginário que atenda às expectativas dos turistas, faz-se necessário que sejam desenvolvidas habilidades voltadas para esse foco. Destaca Neto (2012, p.42) que o profissional de turismo que é requisitado dentro das empresas de turismo deve: “[...] necessariamente possuir um conjunto de habilidades específicas, ser um membro ativo e participativo na sociedade em que está inserido, ser generalista e ao mesmo tempo ser um especialista [...]”.

Contudo, o turismo faz parte de um setor econômico que possui um setor demasiadamente elevado no campo do dinamismo que está diretamente atrelado às atividades turísticas e de velocidade de maneira que acompanhe as mudanças que ocorre na cidade, utilizando-as para promover os lugares e seus respectivos pontos turísticos. Por isso, pode-se afirmar que o turismólogo está voltado para: a) idealização e exploração turística de uma determinada região; b) verifica os locais apropriados para visitaçãõ; c) investiga a infra-estrutura que os locais possuem de maneira que possam atender os desejos e necessidades dos clientes; d) organiza de forma informal os pontos mais importantes para o desenvolvimento de um roteiro que precisa ser seguido; e) obtém informações importantes para marcas a experiência do turista, agregando valor à história da região; f) prospecta informações sobre os seus concorrentes; g) prospecta o mercado consumidor; h) identifica o público-alvo dos serviços e produtos turísticos (SILVA; FABRIS, 2017).

3.5.1 O uso do marketing turístico como estratégia ao turismo local

O marketing junto com o turismo permite com que seja desenvolvida uma imagem de interesse para os futuros turistas ou no momento de contato com um potencial cliente para negociação de um pacote de serviços, o uso do marketing, vende não somente um serviço, mas uma experiência que seja desejável. Contudo, para encantar o visitante o turismólogo precisa ter domínio sobre os atrativos. Através do primeiro contato impactando o potencial cliente com as possíveis experiências que serão vividas, o turismólogo consegue aumentar as demandas das empresas de turismo voltadas para os pacotes turísticos locais (PATEL, 2021).

De acordo com o mesmo autor precisam ser desenvolvidas algumas estratégias para conseguir promover a cidade, seja à distância, em contato com os prospectos potenciais seja fisicamente em uma prospecção física. Para isso precisa-se atentar-se a alguns pontos, sejam eles: a) analisar o comportamento do consumidor de turismo; b) focar na oferta de uma experiência inesquecível; c) utilizar vídeos comerciais com *storytelling*; d) trabalhar ou traçar suas estratégias com influenciadores digitais; e) Contar histórias envolventes sobre a cidade (PATEL, 2021).

Todos esses pontos se tornam importantes para gerar um relacionamento com o cliente prospecto, por isso Miguel (2016, p. 285) afirma que:

Os instrumentos utilizados no desenvolvimento do relacionamento compreendem o uso intenso da tecnologia da informação pelos participantes para elaboração de melhores ofertas e customização dos produtos. Entretanto, o que vale na essência dos relacionamentos são as trocas sociais e a elas estão subjacentes as dimensões, que, mal conduzidas, se revertem em relações fracassadas.

Dessa maneira, ao analisar o comportamento do prospecto cliente para encantá-lo com os pacotes turísticos locais, faz-se necessário conhecer o seu perfil, levando em consideração que nem todos os turistas são parecidos. Pode-se inclusive considerar que a maioria faz parte da geração *millenials*, que são os que são nascidos entre os anos de 1980 e meados dos anos 1990. São pessoas que procuram por quem possa escutá-los e gostam de tecnologias (PATEL, 2021).

Outro ponto é focar na experiência que o turista pode ter, podendo ser inesquecível, visto que o que o turista espera não é memórias e experiências que possam ser levadas consigo por toda a vida, junto das pessoas que ama. Buscam por

coisas diferenciadas, que enriqueçam sua bagagem cultural e viver histórias interessantes que possam ser compartilhadas com outras pessoas. Por isso, a melhor estratégia é conhecer o seu potencial cliente e oferecer a melhor experiência (MIGUEL,2016).

Figura 11 – Recursos de imagem como estratégia – Praia do Tupé



Fonte: Amazonastur, 2020.

Para Patel (2021) uma estratégia eficiente para envolver o potencial cliente/turista nos pacotes turísticos, levando em consideração todo o imaginário envolvido e todos os encantos da floresta amazônica é compartilhar com estes clientes vídeos comerciais, bem elaborados e que sozinhos conseguem vender todo o serviço. Bem como unificar essa idéia com a participação de influenciadores digitais, podem engajar os serviços da empresa e com isso conseguir compartilhar o desejo de conhecer os principais pontos turísticos da cidade de Manaus.

Diante do exposto, o turismólogo precisa estar atualizado referente às estratégias tecnológicas utilizando recursos multimídia, utilizando-se do relacionamento com o cliente para criar o desejo de obter novas experiências. Afinal o desejo do turista é se envolver com o objeto desconhecido, que no caso é o local a ser explorado por seus interesses e curiosidades. Assim, o imaginário contribui para dois comportamentos dos turistas: primeiro, para um pre-conceito relacionado à região de que ela é cercada de feras e floresta fechada, onde o turista pode correr riscos de adquirir doenças como a malária ou ainda ficar “ilhado” sem contato com o mundo devido a falta de tecnologia, visão esta que precisa ser esclarecida com as riquezas

da cidade de Manaus e mostrada para o país e para o mundo, através das redes sociais e da comercialização do destino, utilizando-se a internet como um intermediário para o esclarecimento de informações sobre local.

Além disso, através da construção do marketing do turismo, que por sua vez, tem foco no “encantar” o turista ou viajante, para que este possa obter experiências, permite com que essa visão retrógrada de várias pessoas sobre a região Norte do Brasil seja desmistificada, abrindo oportunidades para o conhecimento de uma cidade rica de histórias, elementos naturais que são extremamente raros em partes do planeta.

Para os turistas que já possuem interesse em conhecer a cidade de Manaus, o marketing do turismo local utilizado de forma adequada, onde as imagens podem ser utilizadas para criar campanhas que encantem através de vídeos fascinantes, permitem com que esses potenciais clientes possam ser encontrados pelo turismólogo e conseguir gerar experiências que possam ocorrer conforme às expectativas criadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com toda a pesquisa realizada foi possível pontuar os principais mitos e figuras imaginárias que refletem a forma primitiva como é vista pelos visitantes de outras cidades ou até de outros países. Como existe uma mistura de história colonial com o imaginário de mitos e lendas que fazem com que os visitantes sintam interesse em conhecer, a qualificação do turismólogo permite com que seja construída uma imagem da cidade a ser vendida para o turista correspondendo às suas expectativas.

Os mitos que envolvem figuras da natureza trazem toda uma simbologia para o povo que teve que enfrentar diversas dificuldades desde a época do colonialismo, apresentando-se em diversos momentos como uma resposta para situações em enfrentamento às dificuldades dos ribeirinhos e do povo local. Em contraste, existe uma construção histórica real do que aconteceu em tempo remotos áureo da borracha, com a população local trabalhando para os barões da borracha se tornando mão de obra para extração para o látex, colocando estes trabalhadores em realidades paralelas, compreensíveis quando encontradas respostas através do imaginário, mitos e lendas.

Toda essa mistura entre natureza e colonialismo trouxe para a cidade os pontos turísticos que retratam a *Belle Époque* em que “o luxo” dos barões refletiram nas edificações do Centro Histórico, com a criação do Teatro Amazonas e o Centro Histórico que retrata esse momento dos caboclos manauaras, em um contraste de simplicidade (dos ribeirinhos) com o luxo e o artístico (*Belle Époque*). Outros pontos como Instituto de Pesquisa Bosque da Ciência também podem ser citado com ponto turístico junto do Centro Histórico que reúne vários lugares de época para a visita e conhecimento da cultura manauara junto do luxo cultural europeu.

Assim, esses pontos turísticos podem ser utilizados como grande estratégia para envolvimento e criação de um imaginário ainda mais encantador para os visitantes ou turistas através da atuação do turismólogo, que por sua vez, é o profissional capacitado para desenvolver mecanismos para agregar valor à cidade perante às expectativas dos turistas, sejam eles nacionais ou internacionais.

REFERÊNCIA

- AZEVEDO, N.S.N.; SCOFANO, R.G. **Introdução aos pensadores do imaginário**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.
- BARROS, L.M. **Discursos midiáticos: representações e apropriações culturais**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2012.
- BARROS, M. de F.E. Waldemir Henrique: Folclore, Texto e música em um único projeto- **A canção**. Dissertação de Mestrado. Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- BASTAZIN, Vera. **Mito e Poética na Literatura Contemporânea**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- BAYARD, Jean Pierre. **História das lendas**. Ed: Ridendo Castigat Mores. 2011. Disponível em:<www.jahr.org> Acesso em 01 dez 2021.
- BORGONHA, M.C. **História e etnografia Ofayé: Estudo sobre um grupo indígena do Centro-Oeste brasileiro**. Florianópolis, Tese de Mestrado. 2006.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1991.
- BOTOMÉ, S. P. **Em busca de perspectivas para a psicologia como área de conhecimento e como campo profissional**. In: BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. Quem é o psicólogo brasileiro? São Paulo: Edicon, 2018.
- CAMPBELL, J. **As Máscaras de Deus**. São Paulo: Atenas, 1992.
- CASCUDO, L.C. **Geografia dos Mitos Brasileiros**, Rio De Janeiro: José Olympio, 2012.
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica**. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CERDEIRA, G. O imaginário de Sartre: uma teoria fenomenológica da imagem. **Revista Filogênese**. 10. v. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2017.
- CHASSOT, A.. **Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação**. 5. ed. Revisada. Ijuí: Unijui, 2011.
- COSTA, Ivair da Silva. **Mitos Amazônicos e Defesa do Meio Ambiente: pressupostos ético-teológicos do potencial de defesa ecológica presente nos mitos ribeirinhos**. Pará. 2016.
- D'ANGELO, B.;PEREIRA, M. A.**Um Rio de Palabras: Estudios sobre Literatura y Cultura de la Amazônia**. Lima-Peru, 2007.
- DALATE, S. **Uma poética do estranhamento ou o encantador de palavras**.

Polifonia, Cuiabá - UFMT, 2017.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FARES, Josebel Akel (org.). **Ensaio de Literatura Amazônica** (Caderno de Textos). Belém – Pa: Universidade da Amazônia, 2004.

FILHO, A.F. **Histórias e Lendas Amazônicas – Teatro Amazonas**. 2017. Disponível em: < <https://dapibge.org.br/wp-content/uploads/2021/08/teatro-amazonas.pdf>>. Acesso em 17 dez 2021.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2011.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GUIMARÃES, M.R.C. **A paisagem urbana como diferencial no turismo em Manaus: uma análise da Avenida Sete de Setembro**. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2012.

JOBIM, José Luís (orgs.). **Sentido dos Lugares**. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006.

KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia: Mito e Literatura**. Manaus: Valer, 2011.

LAPLANTINE, F.; TRINDADE, L. **O que é imaginário**. Coleção primeiros passos. 1. Edição Ebook. Editora Brasiliense, 2017.

LIMA, M.N.; SOUZA, F.C.M.; MONTEIRO, C.G.; SIQUEIRA, T.D.A. **Pressupostos teóricos do imaginário**. 2021. Disponível em: < <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/BIUS/article/view/8833/6390>> Acesso 02 dez 2021.

LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônia: Uma poética do imaginário**. São Paulo. 2001.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte. (org.). **Território das Artes**. São Paulo: EDUC, 2005.

OLIVEIRA, S.S.; GUIMARÃES, M.R.C.; MAIA, K.C.R. Centro histórico de Manaus / AM: Subsídio para reordenamento turístico. **Revista de Turismo Contemporâneo**. V. 8, n.2, jul-dez, 2020.

RIBEIRO, Darcy. Uirá sai à procura de Deus. **Ensaio de Etnologia e Indigenismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976.

ROCHA, Everardo, **O que é mito**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense. 2016.

SALA, J. J.S.M. Psicologia e Fenomenologia. **Revista Nufen: Phenom**. Interd. Belém. V. 10, n.3, set-dez, 2018.

SILVA, F.C.C.; FABRIS, C. **A atuação do turismólogo na sociedade da informação**. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/download/2003/2124/26>>

57> Acesso em 17 dez 2017.

SOUZA, M. **Teatro indígena do Amazonas. Rio de Janeiro:** Ed. Codecri, 1979.

VERNANT, Pierre Jean. **Mito e religião na Grécia Antiga.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.